



Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas

Departamento de Administração

DANIEL PEREIRA DAMASCENO

***COPING*: adaptação e indícios de validade de uma medida para o
contexto brasileiro**

Brasília – DF

2024

DANIEL PEREIRA DAMASCENO

***COPING*: adaptação e indícios de validade de uma medida para o contexto brasileiro**

Monografia apresentada ao Departamento de Administração como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Professor Orientador: Dr^a. Elaine Rabelo
Neiva

Brasília – DF

2024

DANIEL PEREIRA DAMASCENO

***COPING*: adaptação e indícios de validade de uma medida para o contexto brasileiro**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Administração da Universidade de Brasília do (a) aluno (a)

Daniel Pereira Damasceno

Dr^a, Elaine Rabelo Neiva

Professor-Orientador

Titulação, Nome completo,

Professor-Examinador

Titulação, nome completo

Professor-Examinador

Brasília, 23 de julho de 2024

Dedico este trabalho à minha avó, cuja sabedoria e carinho são um farol em minha vida; à minha mãe, pelo amor e apoio que são o meu suporte; e à minha irmã, por sua presença e companheirismo. Também dedico este trabalho à minha namorada, Ranieli, por ter sido minha inspiração e incentivo diário; e aos meus queridos amigos, tanto os feitos dentro quanto fora da UNB, cuja amizade enriqueceu minha jornada acadêmica e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida avó, Vicencia Damasceno, que me ensinou que tudo é possível para quem possui determinação. À minha namorada, Ranieli Carvalho, por escolher compartilhar tantos momentos incríveis comigo, por me incentivar e, principalmente, por acreditar em mim. Ao meu amigo, Emmanuel Gonçalves, por sua paciência, ensinamentos e conselhos. E à minha orientadora, Professora Doutora Elaine Rabelo Neiva, por quem tenho grande respeito e admiração, e com quem tanto aprendi ao longo da minha jornada acadêmica.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo adaptar a escala “*Modified Coping Checklist*” para o contexto brasileiro, a fim de contribuir para o avanço de pesquisas relacionadas à investigação das estratégias de enfrentamento (*Coping*) comumente empregadas em ambiente de trabalho. O *coping* pode ser definido como comportamentos e/ou pensamentos trabalhados pelos indivíduos para enfrentar situações que julguem desafiadoras, atuando como mediadores de emoções negativas decorrentes dessas situações. Utilizando Análises Fatoriais Exploratória e Confirmatória, foram analisadas 1028 respostas válidas de colaboradores de uma instituição financeira brasileira. A amostra utilizada representava uma diversidade de gênero, idade e níveis de escolaridade, refletindo a composição demográfica da organização. Os resultados revelaram que a escala não possui propriedades psicométricas satisfatórias. No que se refere aos índices gerais, a escala apresentou um coeficiente alfa de Cronbach de 0,63 e um Ômega McDonald 0,51. Apesar disso, a estrutura composta por três fatores explica até 38% do fenômeno investigado. Desse modo, os resultados sugerem que a escala apresenta oportunidades de melhoria.

Palavras-chave: *Coping*. Estratégias de enfrentamento. Escala. Índícios de validade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. Objetivo Geral.....	11
1.2. Objetivos Específicos	11
1.3. Justificativa	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 <i>Coping</i> : Estratégias utilizadas em situações desafiadoras	14
2.2 Medidas de <i>Coping</i> comumente utilizadas em contexto brasileiro	18
3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	23
3.1 Tipologia e descrição geral dos métodos de pesquisa	23
3.2 Caracterização da organização, setor ou área, objeto do estudo.....	23
3.3 População e amostra ou Participantes da pesquisa	24
3.4 Caracterização e descrição dos instrumentos de pesquisa	26
3.5 Procedimentos de coleta e de análise de dados.....	28
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1 Estudo 1: Análise Fatorial Exploratória da Escala Lista de verificação de enfrentamento modificada.	30
4.2 Estudo 2: Análise Fatorial Confirmatória da Escala Lista de verificação de enfrentamento modificada.	37
4.3 Análise Confirmatória do modelo original.	30
5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	42
6. REFERÊNCIAS	45
7. APÊNDICES	51
7.1 Apêndice A: Composição da escala em sua língua original e adaptada.	52

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o mundo do trabalho tem passado por profundas transformações, influenciadas por diversos fatores. O processo de globalização econômica, a crescente sofisticação tecnológica e a presença de um ambiente altamente competitivo e dinâmico são apenas alguns dos eventos que afetam a maneira com a qual os indivíduos se conectam com suas atividades laborais (Schwab, 2016). Diante desses fenômenos macrossociais, as mudanças organizacionais têm sido uma constante, exigindo que os trabalhadores e organizações se adaptem rapidamente. Naturalmente, essas transformações não apenas influenciam os resultados operacionais, mas também provocam diversas emoções negativas nos indivíduos, devido à incerteza gerada pelos processos de mudança (Carlotto e Gobbi, 1999).

Nesse contexto de rápidas transformações, diversas medidas têm sido desenvolvidas e implementadas a fim de auxiliar indivíduos e organizações no processo de adaptação. Um exemplo bastante relevante é a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) para o Desenvolvimento Sustentável, a qual foi desenvolvida como um guia para a construção de um futuro mais equitativo e sustentável em diversos aspectos. Dentro dessa agenda, a Meta 8 do Objetivo 8 destaca a importância fundamental de proporcionar "ambientes de trabalho seguros para todos os trabalhadores". Contudo, vale destacar que a segurança no local de trabalho não se limita à proteção física, abrangendo também o bem-estar mental e psicológico dos indivíduos (OMS, 2016).

Dessa forma, devido à crescente preocupação relacionada ao bem-estar e à qualidade de vida no trabalho, a saúde mental e física em contexto laboral tem sido amplamente investigada por acadêmicos ao redor do mundo (Hirschle; Gondim, 2020). Nesse sentido, entre os diversos assuntos estudados, o *coping* tem se destacado como um importante preditor desses aspectos (Carver; Connor-Smith, 2009; Hirschle; Gondim, 2020). A literatura sobre o referido tema é vasta, mas ainda não há consenso em sua definição (Pinheiro et. Al., 2003; Oxlad et. Al., 2004; Carver; Connor-Smith, 2009). Em consequência, as abordagens variam significativamente, refletindo diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre como os indivíduos lidam com situações difíceis.

Atualmente, a definição mais aceita descreve o *coping* como esforços cognitivos e comportamentais utilizados pelos indivíduos a fim de gerir exigências externas e/ou internas

específicas que são avaliadas como desgastantes ou excedendo os recursos da pessoa (Lazarus e Folkman; 1984). Pinheiro et al. (2003) verificaram que, em diversos estudos empíricos, o uso dessas estratégias tem uma relação profunda com os efeitos na saúde dos indivíduos. De maneira semelhante, Jung et al. (2020), e Hwang e Lee (2021) observaram que a adoção das estratégias de *coping* em ambientes organizacionais moderou a relação entre estresse ocupacional e a intenção de rotatividade dos trabalhadores. Assim, é possível compreender tais estratégias como um aspecto essencial do comportamento social adaptativo (Skinner; Wellborn, 2019).

Contudo, é importante destacar que o uso dessas estratégias não se limita ao contexto organizacional. O *coping* é um conceito amplamente estudado e utilizado em vários contextos, como psicologia da saúde, demandas da sociedade pós-industrial, esportes, educação básica e ambientes de graduação. Na psicologia da saúde, o enfrentamento é essencial para indivíduos que lidam com doenças crônicas, onde o foco se estende além da agência pessoal para incluir a influência dos sistemas de saúde e das estruturas sociais (Potter et al., 2018; Sanchez; Gragin, 2023). No âmbito das pesquisas que investigam a sociedade pós-industrial, o *coping* é comumente destacado como uma ferramenta essencial para gerir o estresse e regular as emoções em situações desafiantes, como verificado na pandemia da COVID-19 (Harini et al., 2023).

Além disso, as estratégias de enfrentamento são amplamente exploradas em ambientes esportivos e educacionais para compreender como os indivíduos respondem ao estresse, ao fracasso e aos obstáculos em ambientes de aprendizagem, enfatizando a importância de otimizar o desempenho e o bem-estar. Nesses contextos, verifica-se que os comportamentos de enfrentamento (*coping*) são essenciais para a resiliência e o sucesso. Em decorrência da relevância do referido tema, estudos recentes têm buscado desenvolver medidas específicas para avaliar a capacidade de resposta em estudantes, incluindo aqueles de grupos historicamente marginalizados (Doron; Stephan; Scannf, 2013).

Contudo, apesar da sua constatada abrangência, quando analisado em contexto organizacional, a literatura nacional e internacional comumente avalia que, o principal objetivo das estratégias de enfrentamento é minimizar ou moderar os efeitos do estresse ocupacional sobre o bem-estar emocional e físico do indivíduo (Prado, 2016; Hirschle; Gondim, 2020; Jung et al., 2020; Hwang; Lee 2021; Muller; Silva; Pesca, 2021). Em 2022, evidenciado a urgência do tema, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou que, globalmente, 12 bilhões de dias de trabalho são perdidos devido a doenças provocadas pelo

agravamento do estresse ocupacional, resultando em um custo de quase um trilhão de dólares para a economia mundial (OIT, 2022).

A exposição excessiva ao estresse no ambiente profissional pode levar a uma diminuição significativa na habilidade dos trabalhadores de reter informações e manter o foco em suas tarefas. Isso ocorre devido à capacidade do estresse em esgotar a reserva cerebral e acelerar as mudanças relacionadas à idade, contribuindo para um processo acelerado de envelhecimento cerebral (Burzynska et al., 2020). Ademais, eventos estressantes podem levar à perda de entusiasmo pelo trabalho, sentimentos negativos, maior rotatividade, além de baixo senso de realização pessoal (Kloutsiniotis et al., 2022; Gonçalves et al., 2019).

Desse modo, ainda observando a literatura especializada, percebe-se um notável crescimento na quantidade de estudos voltados para investigação de estressores ocupacionais, abordando seus efeitos e as estratégias de intervenção utilizadas para enfrentar esse fenômeno laboral, no período compreendido entre 1990 e 2018 (Simonelli, 2020). As pesquisas indicam que algumas estratégias, embora proporcionem alívio temporário, podem ser mal adaptativas a longo prazo, enquanto outras se mostram ineficazes, uma vez que não eliminam o estressor e não conseguem prevenir sua recorrência (Prado, 2016). Mesmo assim, em nível individual, a adoção e implementação de estratégias de *coping* tem se apresentado como um mecanismo efetivo de combate ao estresse ocupacional e seus efeitos (Hirschle; Gondim, 2020; Mustafa et. Al., 2015).

Quando o trabalhador possui mecanismos de *coping* eficazes, sua capacidade de resolver problemas aumenta, os níveis de estresse ocupacional diminuem e, conseqüentemente, a intenção de abandonar a organização também reduz. Contudo, caso as estratégias de *coping* escolhidas não sejam as mais apropriadas para a situação ou contexto estressante em questão, podem ocasionar alterações fisiológicas e comportamentais, aumentando, assim, as probabilidades de adoecimento (Peiró & Salvador, 1993; Huang et al., 2018).

Em outras palavras, o desfecho do processo de confronto é determinado pelo êxito ou fracasso dos esforços empreendidos pelo indivíduo ao lidar com um evento desafiador. Portanto, esse desfecho exerce uma influência positiva ou negativa, sobre o estado emocional do indivíduo (Dias; Pais-Ribeiro, 2019). Nesse sentido, ao longo das últimas décadas, diversos instrumentos foram desenvolvidos a fim de verificar o uso e efetividade das estratégias de *coping*, proporcionando uma análise mais aprofundada dos mecanismos de enfrentamento e permitindo intervenções mais direcionadas e eficazes (Kato, 2013).

Todavia, apesar dos inúmeros instrumentos desenvolvidos ao longo dos anos, a verificação e/ou mensuração desse construto continua encontrando diversas limitações. O principal desafio no processo de verificação do *coping* é a variação individual na forma como as pessoas lidam com situações desafiadoras e/ou estressantes, uma vez que as estratégias de enfrentamento podem ser altamente personalizadas e influenciadas por fatores como crenças, metas pessoais e experiências passadas (Lazarus, 1990).

Ademais, a avaliação convencional dessas estratégias por meio de escalas de autorrelato encontra desafios significativos. Estas escalas frequentemente não conseguem abranger a diversidade completa das estratégias de enfrentamento e podem ser afetadas pela falta de objetividade nos itens (Carver; Scheier; Weintraub, 1989; Oxlad et. Al., 2004; Kato, 2013). Além disso, quando se trata de escalas de autorrelato, os participantes podem enfrentar dificuldades para lembrar com precisão eventos passados ou interpretar as questões de maneira variada, conforme destacado por Schwarz (1999). É importante levar essas limitações em consideração ao usar esse tipo de instrumento de verificação. No entanto, apesar das referidas limitações, as escalas ainda são consideradas como ferramentas valiosas para o desenvolvimento de pesquisas (Oxlad et. Al., 2004).

Assim, com o intuito de verificar quais instrumentos eram utilizados no contexto organizacional brasileiro, foi realizada uma revisão de literatura baseada em estudos empíricos publicados nas bases de dados da Capes e *Web of Science* nos últimos anos. Os resultados sugeriram que, no contexto organizacional brasileiro, as escalas mais frequentemente utilizadas para mensurar estratégias de enfrentamento são: Escala de Coping Ocupacional (ECO) de Latack (1986), adaptada e traduzida por Pinheiro, Tamayo e Trócoli (2003); a Escala de Formas de Enfrentamento de Problemas (SWCP) de Vitaliano et al (1985), adaptada e traduzida por Seidl, Tróccoli e Zanon (2001); Escala de Coping Religioso adaptada por Panzini e Gehrke (2005); e o Inventário de Estratégias de Coping, de Lazarus e Folkman (1985), adaptado por Savóia et al. (1996). As pesquisas também indicaram que, nos últimos 10 anos, não foram identificadas adaptações transculturais de escalas que mensuram estratégias de enfrentamento no contexto organizacional brasileiro.

Dessa forma, dada a natureza dinâmica e mutável do ambiente de trabalho atual, a constatada escassez de instrumentos pode comprometer a verificação, compreensão e, conseqüentemente, o desenvolvimento de pesquisas mais aprofundadas acerca das estratégias de enfrentamento utilizadas pelos indivíduos em situações compreendidas como desafiadoras em contexto organizacional brasileiro. Fica evidente a necessidade da condução de pesquisas que desenvolvam e/ou adaptem instrumentos que sejam capazes de verificar, de maneira

abrangente, as nuances das estratégias de *coping* em contextos organizacionais contemporâneos no Brasil.

O desenvolvimento de instrumentos capazes de avaliar o referido construto permite uma compreensão mais profunda sobre as estratégias mais eficazes para lidar com as pressões laborais, fornecendo percepções valiosas para a criação de estratégias de gestão eficazes e promovendo o bem-estar no ambiente de trabalho. Esses instrumentos possibilitam o avanço das pesquisas relacionadas ao tema, permitindo uma avaliação precisa das estratégias de enfrentamento e facilitando a criação de intervenções personalizadas e políticas organizacionais.

1.1. Objetivo Geral

Frente a esse desafio, a presente pesquisa tem como objetivo realizar a adaptação da escala “*Modified Coping Checklist*” para o contexto brasileiro, a fim de contribuir para o avanço de pesquisas relacionadas ao tema. A escala, adaptada para português como “Lista de Verificação de Enfrentamento Modificada”, foi inicialmente elaborada por Billings e Moos (1981), e nomeada como “*Coping Checklist*”. O objetivo fundamental dos autores era conceber um instrumento capaz de analisar as estratégias adotadas pelas pessoas no enfrentamento de crises. Posteriormente, a fim de alcançar propriedades psicométricas mais satisfatórias, Oxlad et al. (2004) realizaram modificações na escala original - versão submetida à adaptação no presente estudo. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é realizar a adaptação transcultural da escala para adequá-la ao contexto brasileiro, além de identificar indícios de validade para uso da escala no Brasil em contextos organizacionais.

1.2. Objetivos Específicos

A partir do objetivo geral da pesquisa, pode-se desmembrar objetivos específicos: a) descrever o processo de adaptação e tradução da escala para português brasileiro; b) verificar validade semântica dos itens que compõem a escala; c) e identificar indícios de validade da escala por meio das análises fatoriais.

1.3. Justificativa

Apesar das limitações mencionadas anteriormente, a construção e aplicação das escalas de autorrelato podem ser justificadas. Essas escalas conseguem, até certo ponto,

quantificar eventos e fenômenos, são relativamente fáceis de administrar e analisar, exigem menos recursos em comparação com outros métodos de análise e pesquisa, e permitem a realização de comparações entre resultados (Oxlad et. Al., 2004). Portanto, a simplicidade na administração e a eficiência na coleta de dados tornam as escalas de autorrelato uma ferramenta valiosa em contextos de pesquisa, especialmente quando se busca obter uma visão geral sobre os comportamentos e/ou emoções dos participantes.

Diante disso, este estudo se justifica pela constatada escassez de pesquisas que adaptam instrumentos capazes de verificar o uso de estratégias individuais de *coping* no enfrentamento de situações desafiadoras e/ou estressantes no contexto organizacional (Hirschle; Gondim, 2020; Rodriguez et al., 2019; Servino et al., 2013). Nesse contexto, a construção e/ou adaptação do referido tipo de escalas são essenciais para o processo de avaliação das respostas cognitivas e comportamentais dos indivíduos a diversos desafios, não se limitando apenas ao estresse. Essas escalas ajudam a compreender como os indivíduos gerenciam demandas que excedem seus recursos, avaliam a eficiência das estratégias e verificam resultados relacionados a doenças, sofrimento emocional, traços de personalidade e satisfação com a vida (Hilton, Martin; Haldeman, 1994; Bacanlı; Surucu; Ilhan, 2012).

Ademais, tais medidas são ferramentas fundamentais para o processo de desenvolvimento de programas para promoção do bem-estar e/ou prevenção em organizações públicas e privadas (Queirós et. Al., 2020). Diante do exposto, a escala “*Modified Coping Checklist*” foi escolhida como objeto da presente pesquisa devido a sua natureza generalista, o que possibilita a avaliação de estratégias de enfrentamento em diversas situações, bem como pela sua estrutura interna que facilita a administração e viabiliza uma coleta e análise de dados relativamente mais rápida, (Oxlad; Miller-Lewis; Wade, 2004).

Essas características tornam a escala facilmente aplicável a diversos contextos, incluindo o organizacional, que é o foco desta pesquisa. Ao construir e/ou adaptar escalas de enfrentamento, os pesquisadores podem aprofundar as complexidades das respostas humanas, explorar mecanismos de enfrentamento em diferentes contextos e contribuir para uma compreensão mais profunda do comportamento humano além do gerenciamento do estresse. Sendo assim, a escolha e adaptação desta escala visa fornecer um instrumento capaz de verificar os comportamentos adotados frente a situações desafiadoras, contribuindo assim para um entendimento mais aprofundado acerca da eficácia e efetividade das estratégias de *coping* no ambiente de trabalho.

É relevante destacar não apenas a falta de estudos sobre instrumentos para verificar e/ou medir estratégias individuais de enfrentamento no contexto de trabalho, mas também a

importância crescente das pesquisas sobre o assunto diante das rápidas mudanças no mundo do trabalho. Com a evolução tecnológica e a globalização, os trabalhadores enfrentam novos desafios e pressões, tornando essencial compreender como esse público lida com essas demandas e como as organizações podem apoiá-los (Carlotto; Gobbi, 1999). Nesse sentido, o desenvolvimento e a validação de instrumentos de medida que observem as estratégias de enfrentamento dos trabalhadores são fundamentais para embasar intervenções organizacionais e políticas de saúde mental e bem-estar.

Sendo assim, a adaptação de escalas de *coping* para diferentes contextos culturais, como o brasileiro, é importante para garantir a validade e a aplicabilidade das medidas utilizadas em pesquisas e práticas profissionais. Considerando que as estratégias de *coping* podem ser influenciadas por fatores culturais, sociais e econômicos, é essencial adaptar os instrumentos de medida para refletir as nuances e particularidades do contexto em questão.

Por fim, destacamos a importância não apenas da investigação específica sobre o *coping* no trabalho, mas também da adaptação culturalmente sensível das medidas utilizadas. Isso amplia a relevância do estudo não apenas para acadêmicos, mas também para profissionais de Recursos Humanos, gestores e formuladores de políticas, que podem se beneficiar diretamente dos resultados para promover um ambiente de trabalho mais saudável e sustentável.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 *Coping*: Estratégias utilizadas em situações desafiadoras

Como mencionado anteriormente, o uso de estratégias de enfrentamento (*coping*) é reconhecido como um dos meios pelos quais os indivíduos lidam com situações desafiadoras (Callan, 1993; Maturana; Valle, 2014). A literatura especializada ressalta uma associação evidente e direta entre esses dois elementos (Servino et al., 2013), destacando a importância dessas estratégias como fator de redução dos efeitos dos negativos provenientes de situações desgastantes. A adoção e aplicação desses recursos ficaram mais evidentes ao longo do recente período pandêmico. Pesquisas relacionadas ao tema sugeriram que a adoção das estratégias de enfrentamento (*coping*) foram os mecanismos amplamente utilizados pelos indivíduos como forma de redução do estresse oriundo da mudança nas dinâmicas sociais (McFadden et al., 2021, Harini et. Al., 2023), bem como em contexto organizacional a fim de preservar o bem-estar no trabalho e a qualidade de vida dos profissionais (Ho, Chee, & Ho, 2020; Júnior et al., 2020; Gurvich, 2021).

O conceito de "*coping*" foi investigado e definido por diversos estudiosos ao longo dos anos. Newman e Beehr (1979) descreveram o *coping* como um conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais utilizadas para lidar com situações de estresse. Cox (1987) expandiu essa definição, retratando o *coping* como um processo direcionado para a ação e para o aspecto psíquico, empregado para lidar com demandas que ultrapassam ou igualam os recursos do indivíduo. Folkman e Lazarus (1980) também abordaram o tema, definindo o *coping* como os esforços que as pessoas realizam para gerenciar demandas e conflitos internos e externos em situações estressantes. Callan (1993) propôs uma visão mais ampla, classificando o *coping* como qualquer resposta a tensões externas que busca prevenir, evitar ou controlar o sofrimento emocional. Finalmente, Carver e Connor-Smith (2010) descreveram as estratégias de *coping* como esforços para minimizar ameaças, danos, perdas ou sofrimento causados por estressores.

Portanto, é possível compreender o *coping* como ações, comportamentos e/ou pensamentos trabalhados pelos indivíduos para enfrentar situações que julguem como causadoras de estresse, atuando como mediadores de emoções negativas decorrentes dessas situações (Folkman & Lazarus, 1988; Zhang et al., 2017). Além disso, as estratégias de enfrentamento podem ser categorizadas como centradas no problema (*Coping* ativo), concentrando-se na resolução das questões, ou centradas na emoção (*Coping* Paliativo),

direcionando-se para a regulação emocional (Newman; Beehr, 1979; Folkman & Lazarus, 1980; Cox, 1987; Rodríguez et al., 2019).

De modo geral, o enfrentamento focado no problema envolve estratégias destinadas a abordar diretamente a fonte do estresse, como a resposta confrontativa, o apoio social e o planejamento (Sanchez; Gragin, 2023). Por exemplo, indivíduos que enfrentam desafios sociais, como assédio e exclusão, podem utilizar estratégias centradas no problema, como o confronto, o bloqueio e a construção de relações (Srivastava; Upadhaya; Jain, 2023). Por outro lado, o *coping* centrado na emoção se concentra na gestão do sofrimento emocional associado aos fatores de estresse, incluindo autocontrole, busca de apoio social, avaliação positiva e fuga/evitação (Kawata et al., 2023).

Quando focado no problema, o *coping* é utilizado em situações em que é possível realizar alterações, sendo mais eficaz em postergar os efeitos do estresse a longo prazo. No entanto, quando essas estratégias falham, o *coping* centrado na emoção é frequentemente adotado (Folkman & Lazarus, 1980; Zhang et al., 2017). É relevante mencionar que estudos recentes também dividem o *coping* em duas categorias: controle e apoio (Muller et al., 2021). As estratégias de controle, são equivalentes ao *coping* focado no problema, envolvem fazer mudanças positivas no indivíduo ou no ambiente ao redor, facilitando o gerenciamento da situação de estresse. Por outro lado, o *coping* de apoio, semelhante ao *coping* focado na emoção, busca suporte social para aliviar as emoções negativas vivenciadas pelos indivíduos (Hornung et al., 2016; Zellars; Perrewé, 2001).

No campo da literatura especializada, o modelo de *coping* proposto por Folkman e Lazarus em 1980, e posteriormente adaptado em 1984, é reconhecidamente o mais abrangente (Muller et al., 2021). Este modelo se baseia em quatro conceitos principais. Segundo os autores, o *coping* é um processo ou interação entre a pessoa e o seu ambiente, cujo objetivo principal é gerenciar situações estressantes. Os processos de *coping* incluem a avaliação, que é como o fenômeno é percebido, interpretado e representado cognitivamente pelo indivíduo, e a mobilização de esforços, onde os indivíduos usam estratégias cognitivas e comportamentais para lidar com as demandas internas ou externas resultantes de sua interação com o ambiente (Folkman e Lazarus, 1980).

Como dito, o modelo de *coping* proposto por Lazarus e Folkman (1984) sugere uma divisão entre *coping* focado na emoção e *coping* focado no problema. De acordo com esse modelo, as estratégias podem incluir: enfrentamento direto, que envolve focalização da atenção e enfrentamento ativo diante da situação estressante, avaliando possíveis ações; distanciamento, que consiste na negação da situação na tentativa de desacreditar sua

ocorrência; autocontrole, que se refere ao esforço para gerenciar as emoções decorrentes da situação; suporte social, que é a busca de apoio de indivíduos do círculo social para auxiliar na resolução do problema; aceitação, que implica em procurar aceitar uma situação estressante, assumindo responsabilidade por ela e reconhecendo sua imutabilidade; evitação, que é a tentativa de minimizar a situação estressante através do uso de fantasias, em vez de aceitar a realidade; resolução de problemas, que envolve a elaboração de planos de ação para solucionar uma situação estressante; e reavaliação positiva, que se trata de encontrar aspectos positivos na situação desafiadora, reduzindo as emoções negativas associadas a ela (Lazarus & Folkman, 1980; Lazarus & Folkman, 1984).

Em nível individual, pesquisas que avaliam a relação entre *coping* e estresse ocupacional indicam que a adoção de abordagens focadas no problema tem efeitos mais significativamente relevantes no combate e redução dos níveis de estresse no local de trabalho quando comparadas à adoção de estratégias de *coping* focadas na emoção (Rodríguez et al., 2019; Hirschle; Gondim, 2020; Muller; Silva; Pesca, 2021). No entanto, é importante notar que a abordagem paliativa pode ser útil provisoriamente em situações em que o indivíduo não consegue ter controle sobre um ambiente aversivo ou circunstâncias que não pode alterar. Os níveis de efetividade do enfrentamento focado no problema decorrem do fato de que essa estratégia gera soluções alternativas, pois costuma elaborar e seguir um plano de ação (Shin et al., 2014). Em contrapartida, infere-se que o enfrentamento paliativo ou voltado para a emoção pode ser eficaz ao lidar com estressores incontroláveis ou eventos significativos da vida que são menos voltados à resolução por meio de estratégias de resolução de problemas (Rodríguez et al., 2019; Muller; Silva; Pesca, 2021).

De modo geral, as estratégias de *coping* são utilizadas a fim de gerenciar a relação problemática entre a pessoa e o ambiente estressante (Lazarus, 1990; Rice; Liu, 2016). Assim, o *coping* tem se tornado um componente essencial na gestão do estresse e superação de desafios, permitindo que o indivíduo lide mais eficazmente com situações difíceis (Rodríguez et al., 2019). Os estudos de Karlsen, Dybdahl, Vitterso (2006) apoiam a referida ideia, concluindo que o efeito do estresse sobre o bem-estar é mediado positivamente por um processo de *coping* focado no problema e mediado negativamente por um processo de *coping* de esquiva. Semelhantemente, por meio de uma revisão sistemática de literatura, Hirschle e Gondim (2020) concluíram que o *coping* ativo foi um preditor positivo de bem-estar no trabalho.

É importante mencionar que, as estratégias de *coping* podem ser acionadas em resposta a uma ampla gama de situações, desde problemas cotidianos até eventos traumáticos

(Rice; Liu, 2016). Todavia, diversos fatores pessoais e contextuais influenciam a forma como os indivíduos lidam com os desafios. Segundo Holahan e Moos (1987), os fatores determinantes/preditivos das estratégias de enfrentamento incluem: características sociodemográficas, como renda e nível de educação; características pessoais, como autoconfiança e temperamento; e fatores contextuais, como eventos de vida negativos e suporte familiar.

O *coping* pode incluir estratégias como planejamento, resolução de problemas, busca de apoio social e reavaliação cognitiva, entre outras (Johnson et. Al., 2019). Ademais, importa lembrar que as estratégias também podem variar em termos de eficácia, foco no problema ou nas emoções, e estilo pessoal de enfrentamento (Lazarus, 1990). Naturalmente, enquanto alguns indivíduos podem achar mais eficazes as abordagens que lidam diretamente com o evento problemático, outras podem preferir técnicas que ajudem a gerenciar as emoções.

No ambiente de trabalho, o *coping* tem sido um importante mecanismo de combate a situações causadoras de estresse, podendo ter efeitos significativos sobre bem-estar em contexto de trabalho (Hirschle; Gondim, 2020). É importante compreender que o processo de *coping* é dinâmico e específico para a cada situação (Callan, 1993). Quando as estratégias adotadas são eficazes na gestão dos desafios, ajudam o indivíduo a lidar com a situação de forma positiva – *coping* adaptativo. Contudo, quando estratégias de *coping* utilizadas são impróprias, elas podem levar a consequências negativas para a pessoa, como aumento do estresse, ansiedade e problemas de saúde mental – *coping* mal-adaptativo (Newman; Beehr, 1979; Casas; Repullo; Lorenzo, 2002).

Atualmente, a investigação que relaciona estratégias de *coping* com a redução de fatores de estresse é relativamente escassa (Rodríguez et al., 2019), apresentando a necessidade do desenvolvimento de novas pesquisas relacionadas ao tema, uma vez que a ocorrência de mudanças organizacionais e outros fatores geradores de estresse têm sido cada vez mais comuns. Desse modo, explorar o processo de *coping* como resolução de problemas (Cox, 1987) caracteriza-se como um relevante fator no processo de gestão de estresse, assim como para melhorar a produtividade, a satisfação no trabalho e a qualidade de vida geral. Além disso, o uso eficaz de estratégias de *coping* pode levar a uma melhor tomada de decisão e a um equilíbrio mais saudável entre trabalho e vida pessoal.

Diante disso, torna-se premente que o indivíduo que enfrenta regularmente situações desafiadoras em local de trabalho encontre orientações acerca das ferramentas e técnicas de enfrentamento ao estresse e/ou adversidades. Neste contexto, é possível direcionar a atenção para as diversas ferramentas e escalas disponíveis na literatura para capturar os diferentes

tipos e estratégias de *coping*. Na próxima seção, será descrito como essas medidas são aplicadas e interpretadas, visando aprofundar o entendimento sobre como os indivíduos lidam com situações adversas e demandas que excedem suas capacidades de resposta. Este passo é essencial para construir uma base sólida na análise do *coping* e suas implicações para o bem-estar e a saúde mental.

2.2 Medidas de *Coping* comumente utilizadas em contexto brasileiro

Embora existam diversos instrumentos, a verificação e mensuração do *coping* ainda enfrentam diversas limitações. A principal delas é a variação individual na forma como as pessoas lidam com as adversidades, pois essas estratégias são altamente personalizadas e influenciadas por fatores como crenças, metas pessoais e experiências passadas (Carver, 1989; Lazarus, 1990). Além disso, a avaliação convencional dessas estratégias por meio de escalas de autorrelato encontra desafios significativos, uma vez que essas escalas frequentemente não conseguem abranger a diversidade completa das estratégias de enfrentamento e podem ser afetadas pela falta de objetividade nos itens (Carver, 1989; Kato, 2013). Outra limitação dessas escalas está relacionada a possibilidade de os participantes enfrentarem dificuldades para lembrar, com precisão, eventos passados ou interpretar as questões de maneira variada, (Schwarz, 1999). Mesmo assim, a administração de questionários ainda continua sendo uma das formas mais utilizadas atualmente para a verificação desse construto (Oxlad et al., 2004).

Apesar das limitações, as escalas ainda são consideradas as melhores ferramentas disponíveis na ausência de meios mais confiáveis para o desenvolvimento de pesquisas que verifiquem construtos com características subjetivas (Oxlad et al., 2004). Partindo desse entendimento, Kato (2013), por meio de uma meta-análise, verificou e descreveu as frequências de uso de várias escalas de *coping*, incluindo *Coping Orientations to Problems Experienced* (COPE) (Carver, Scheier, & Weintraub, 1989), *Ways of Coping Questionnaire* (WCQ) (Folkman & Lazarus, 1988), *Coping Strategies Questionnaire* (CSQ), *Coping Inventory for Stressful Situations* (CISS) (Endler & Parker, 1990), *Religious-COPE* (R-COPE) (Pargament et al., 1990) e *Coping Response Inventory* (CRI). Destaca-se que COPE e WCQ foram as mais utilizadas (Kato, 2013). Essas escalas são aplicáveis em diversos contextos e abrangem uma variedade de situações. No contexto laboral, por exemplo, a escala COPE foi a mais aplicada em pesquisas (16,18%), que buscavam avaliar as principais estratégias de enfrentamento do estresse no ambiente de trabalho.

Igualmente, com o intuito de verificar quais escalas foram adaptadas e utilizadas no contexto organizacional brasileiro, na presente pesquisa, conduziu-se uma revisão de estudos empíricos publicados nas bases de dados da Capes e *Web of Science* nos últimos anos. Ao utilizar os descritores “*scales, coping, adaptation, organizational e Brazil*”, com um período de 10 anos, foram identificados pouco mais de 35 artigos. Dentre eles, apenas um tinha como objetivo realizar a adaptação transcultural de uma escala de enfrentamento, enquanto os demais consistem em artigos empíricos que empregavam escalas que já haviam sido anteriormente submetidas aos processos de adaptação e busca por indícios de validade. Dessa maneira, procedeu-se à verificação de todas as escalas utilizadas em cada um dos artigos listados.

Foi observado que, no contexto organizacional brasileiro, as escalas mais frequentemente empregadas para avaliar estratégias de enfrentamento são a Escala de Coping Ocupacional (ECO) de Latack (1986), adaptada e traduzida por Pinheiro, Tamayo e Trócoli (2003); a Escala de Formas de Enfrentamento de Problemas (SWCP) de Vitaliano et al. (1985), adaptada por Seidl, Trócoli e Zanon (2001); a Escala Breve de Coping Resiliente (EBCR) desenvolvida por Sinclair e Wallston (2004) e adaptada para português por Ribeiro e Moraes (2010). o Inventário de Estratégias de Coping de Lazarus e Folkman (1985), adaptado por Savóia et al. (1996); e a Escala de Coping Religioso adaptada por Panzini e Gehrke (2005). As pesquisas também apontaram que, nos últimos 10 anos, não foram identificadas adaptações transculturais de escalas que mensuram estratégias de enfrentamento no contexto organizacional brasileiro.

A versão adaptada para o contexto brasileiro da Escala de Coping Ocupacional (ECO), construída por Latack (1986) e adaptada por Pinheiro, Tamayo e Trócoli (2003), é composta por 29 itens distribuídos em 3 fatores, sendo eles: Fator de controle, Fator de esquiva, Fator de manejo dos sintomas. A escala abrange os pensamentos e as ações utilizados para lidar com demandas internas ou externas de determinado evento estressante no ambiente de trabalho.

A segunda escala identificada nas investigações, a Escala de Formas/Modos de Enfrentamento (SWCP), foi primeiramente adaptada para o contexto brasileiro por Seidl, Trócoli e Zanon (2001). A primeira versão da medida foi composta por 57 itens divididos em 8 fatores. Contudo, a escala foi readaptada em 2003 por Seidl et. al. e passou a ser composta por 45 itens divididos em 4 fatores. A Escala Formas/Modos de Enfrentar Problemas foi desenvolvida com base no modelo interativo do estresse, conceituando o enfrentamento como um conjunto de respostas específicas diante de uma situação estressante particular.

A terceira escala, traduzida para o contexto português como Escala Breve de Coping Resiliente (EBCR), é um instrumento unidimensional composto por apenas 4 itens. O EBCR busca mensurar estratégias relacionadas à otimismo, perseverança, criatividade e crescimento positivo frente às dificuldades. Ou seja, trata-se de uma escala que busca avaliar a capacidade do indivíduo para lidar com o estresse de forma adaptativa. Sendo mais comumente aplicada em contextos clínicos.

A quarta escala, Escala de Coping Religioso (RCOPE), foi baseada na estrutura da Escala COPE de Carver, Scheir e Weintrub (1989). Trata-se de um instrumento desenvolvido para medir estratégias de enfrentamento religioso/espiritual em indivíduos de diferentes crenças e culturas. A escala é composta por 48 itens que se dividem em seis subescalas, cada uma avaliando um tipo de *coping* religioso/espiritual. O RCOPE tem sido utilizado em diversas pesquisas para investigar a relação entre religião/espiritualidade, saúde mental e física.

A quinta escala, Inventário de Estratégias de Coping de Folkman e Lazarus, é um questionário que contém 66 itens distribuídos em 8 fatores relacionados a pensamentos e ações que as pessoas utilizam para lidar com demandas internas ou externas de um evento estressante específico. Outro instrumento identificado ao longo das pesquisas foi a Escala de Autoeficácia Generalizada (GSE), desenvolvida por Schwarzer e Jerusalem em 1995. O instrumento é normalmente utilizado para avaliar a capacidade de enfrentamento e adaptação dos indivíduos após vivenciar diversos eventos estressantes da vida. A GSE consiste em 10 itens respondidos em uma escala de Likert de 4 pontos, variando de 1 (completamente falso) a 4 (completamente verdadeiro).

É importante mencionar que a autoeficácia generalizada e o *coping* são conceitos inter-relacionados que descrevem como as pessoas enfrentam desafios e estressores. A autoeficácia generalizada refere-se à crença de uma pessoa em sua capacidade de lidar eficazmente com diversas situações e desafios, influenciando diretamente seu comportamento e motivação para superar obstáculos (Diotaiuti et. Al., 2023). O *coping*, por sua vez, envolve os esforços cognitivos e comportamentais utilizados para lidar com situações estressantes ou desafiadoras. Dessa forma, a autoeficácia generalizada pode influenciar a forma como as pessoas abordam e lidam com situações adversas, afetando suas estratégias de *coping*. Uma pessoa com alta autoeficácia geralmente acredita que é capaz de enfrentar desafios e, portanto, pode adotar estratégias de *coping* mais eficazes.

Por último, "Lista de Verificação de Enfretamento" (Billings e Moos, 1981), foi desenvolvida há mais de duas décadas para avaliar as estratégias utilizadas pelas pessoas para

enfrentar crises. Esta escala é caracterizada por sua brevidade e facilidade de administração. A versão proposta por Oxlad et al. (2004) identifica quatro fatores principais: (1) Reavaliação positiva; (2) Busca de apoio; (3) Evitação; e (4) Busca de informações. Esses fatores abrangem diferentes abordagens que os indivíduos podem adotar ao lidar com situações adversas, desde a busca ativa de suporte até estratégias de reavaliação e evitação.

As escalas citadas diferem em termos de estrutura, número de itens, fatores avaliados e contexto de aplicação. Por exemplo, a Escala de Coping Ocupacional (ECO) tem foco em demandas internas ou externas de um evento estressante no ambiente de trabalho, enquanto a Escala de Formas/Modos de Enfrentamento (SWCP) aborda o enfrentamento como respostas específicas a qualquer situação estressante, ou seja, a escala não foi desenvolvida para situações específicas. A Escala Breve de Coping Resiliente (EBCR) mensura estratégias relacionadas à otimismo, perseverança, criatividade e crescimento positivo frente às dificuldades, e a Escala de Coping Religioso (RCOPE) mede estratégias de enfrentamento religioso/espiritual, e como tais práticas auxiliam o indivíduo no combate ao estresse.

No que diz respeito à medida escolhida como objeto nesta pesquisa, optou-se pela adaptação da escala "*Modified Coping Checklist*" para o contexto brasileiro. Esta escolha se justifica pelo fato de a escala ser uma ferramenta valiosa para a verificação de estratégias de enfrentamento, tendo sido amplamente utilizada em diversas pesquisas relacionadas ao tema até o início deste século (Oxlad et al., 2004). Além disso, conforme as pesquisas realizadas, não foram encontradas adaptações da referida escala para o contexto brasileiro, bem como sua aplicação em contexto organizacional. A medida possui uma estrutura abrangente, identificando quatro fatores principais de *coping*: Reavaliação Positiva, Busca de Apoio, Evitação e Busca de Informações. Esses fatores abrangem estratégias voltadas tanto para o problema quanto para a emoção, como orientado pela literatura especializada, proporcionando uma perspectiva das estratégias de enfrentamento utilizadas.

Outro importante fator para a escolha da escala foi seu número razoável de itens e fatores. As escalas anteriormente apresentadas possuem uma estrutura significativamente extensa ou excessivamente curta, com uma média de 41 itens variando entre de 4 a 66. Esse desequilíbrio pode ser problemático tanto para o pesquisador quanto para o participante. No caso de um instrumento com um número baixo de itens, pode não ser possível verificar ou mensurar adequadamente o construto pesquisado, especialmente em se tratando de um construto multidimensional como o *coping*. Por outro lado, questionários extensos podem levar os participantes a responder desatentamente. Portanto, apesar de sua estrutura relativamente menor, com 12 itens distribuídos em 4 fatores, a escala ainda abrange elementos

e práticas relevantes considerados importantes pelos indivíduos, facilitando o processo de coleta de dados e sendo positiva para os respondentes.

Diante disso, infere-se que a "Lista de Verificação de Coping Modificada" é caracterizada por sua brevidade e facilidade de administração, o que a torna uma ferramenta prática e eficiente para ser aplicada em diferentes contextos de pesquisa. Sua capacidade de capturar uma ampla gama de estratégias de *coping* em um formato conciso é especialmente relevante em estudos que visam investigar as respostas de enfrentamento dos trabalhadores brasileiros diante de desafios organizacionais específicos.

A adaptação transcultural dessa escala para o contexto brasileiro é importante pois possibilita uma compreensão mais aprofundada das estratégias de *coping* utilizadas pela população brasileira, permitindo uma análise mais precisa de como essas estratégias influenciam o bem-estar e a adaptação dos trabalhadores em ambientes organizacionais. Além disso, essa adaptação pode facilitar a comparação de resultados entre estudos realizados em diferentes países, contribuindo para o avanço do conhecimento na área de *coping* e saúde ocupacional em escala global.

Portanto, a adaptação da "Lista de Verificação de Enfretamento Modificada" para o contexto brasileiro é uma etapa fundamental para o desenvolvimento de pesquisas que visam compreender e promover estratégias eficazes de enfrentamento entre os trabalhadores brasileiros, fornecendo percepções valiosas para a gestão de pessoas e o desenvolvimento de intervenções voltadas para a promoção do bem-estar e da saúde mental no ambiente de trabalho.

3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

3.1 Tipologia e descrição geral dos métodos de pesquisa

Esta seção apresenta os processos metodológicos delineados para o desenvolvimento desta pesquisa. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, de caráter descritivo (Creswell & Creswell, 2021), uma vez que se pretende coletar dados numéricos e analisar padrões ou relações entre variáveis, ao mesmo tempo em que busca compreender e descrever a relação entre os itens e fatores que dão origem a escala aqui submetida ao processo de adaptação.

O estudo segue uma abordagem quantitativa, uma vez que procura testar teorias de forma objetiva ao examinar variáveis específicas. Nessa metodologia, é habitual utilizar instrumentos para coletar dados numéricos que serão posteriormente submetidos a análises por meio de procedimentos estatísticos (Creswell; Creswell, 2021). Além disso, também possui um caráter instrumental, buscando adaptar e disponibilizar um instrumento com confiabilidade psicométrica para uso em pesquisas futuras, contribuindo para o avanço das pesquisas sobre o tema. Para tanto, a coleta foi realizada por meio de um *survey*, com questionários estruturados distribuídos *online*, o que implica na obtenção de dados primários.

3.2 Caracterização da organização, setor ou área, objeto do estudo

O *locus* de pesquisa compreende uma renomada instituição financeira (IF), reconhecida por sua atuação sólida e estratégica no mercado. A organização tem consolidado sua presença não apenas no cenário nacional, mas também internacional. Seus serviços e análises são referências em diversos setores da economia, sendo frequentemente citados em publicações especializadas e relatórios de mercado.

A estrutura organizacional da instituição é relativamente complexa, uma vez que se origina da soma de diversas unidades, seções e instâncias que desempenham papéis fundamentais na governança e gestão da instituição. Destacam-se o Conselho de Administração, responsável pela orientação estratégica e alinhamento estratégico; o Conselho Diretor, que provê recursos e infraestrutura para integrar e manter a estratégia organizacional; o Comitê Executivo de Segurança, responsável por analisar e sustentar a estratégia; a Unidade de Segurança Institucional, que desenvolve a estratégia e colabora com os gestores de negócios; e a Unidade encarregada pelo tratamento de dados pessoais, atuando como canal de comunicação entre o controlador, os titulares dos dados e a Autoridade Nacional de Proteção de Dados.

Com mais de 80 mil colaboradores, a instituição financeira investe no aprimoramento contínuo e na promoção de uma cultura de desenvolvimento de talentos. Suas iniciativas buscam estimular a inovação e fortalecer a integração entre os colaboradores, proporcionando oportunidades para desenvolver habilidades e compartilhar conhecimento. Essas ações refletem o compromisso da instituição em criar um ambiente propício para a geração de ideias e soluções que beneficiem seus processos e serviços. Esses esforços também evidenciam o comprometimento da instituição em manter e desenvolver seus profissionais, justificando assim a escolha desta instituição financeira para o desenvolvimento deste estudo.

3.3 População e amostra ou Participantes da pesquisa

O presente estudo envolveu um total de 1119 participantes. No entanto, após o tratamento dos dados, incluindo a remoção de *missing* (valores faltantes) e *outliers*, a análise final foi conduzida com 1028 respostas válidas. O perfil destes respondentes caracteriza-se em 56% do sexo masculino e 44% feminino, com idade predominante entre 28 e 69 anos, conforme apresentado na tabela 1.

TABELA 1

Frequência para sexo

Sexo	Frequência	%
Feminino	456	44%
Masculino	572	56%
Total	1028	100%

Além disso, entre os participantes, 54% são casados e 35% são solteiros, com escolaridade variando entre pós-graduados (48%), graduados (32%) e pessoas com ensino básico completo (17%). Foram consideradas e analisadas as respostas de funcionários de diversas áreas da organização. A média de anos trabalhados foi de 17 anos, com um máximo de 45 anos.

TABELA 2**Frequência para estado civil**

Estado Civil	Frequência	%
Solteiro	358	35%
Casado	557	54%
Separado / Divorciado	90	9%
Viúvo	4	0%
Missing	19	2%
Total	1028	100%

TABELA 3**Frequência para escolaridade**

Escolaridade	Frequência	Porcentagem
Ensino Básico (Fundamental/ Médio)	171	17%
Graduação incompleto	19	2%
Superior completo (graduação/sequencial)	325	32%
Pós-Graduação (especialização, mestrado e phd)	495	48%
Missing	18	2%
Total	1028	100%

A amostra é caracterizada como não probabilística e por conveniência, uma vez que envolve a seleção de respondentes mais disponíveis para participar do estudo e fornecer as informações necessárias (Hair et al., 2009). Assim, os participantes foram escolhidos com base em sua acessibilidade e disponibilidade, sem seguir um método aleatório ou probabilístico de seleção. Os dados foram organizados e analisados no *software JASP* (*Jeffreys's Amazing Statistics Program*) versão 0.14.1.

Vale destacar que, em todas as etapas da pesquisa, os participantes foram informados acerca da não obrigatoriedade da sua participação, com garantia de anonimato e sigilo de informações. Com isso, respeitaram-se os princípios éticos que conduzem as pesquisas com seres humanos.

3.4 Caracterização e descrição dos instrumentos de pesquisa

Inicialmente proposta por Billings e Moos (1981), a escala “*Coping Checklist*” baseia-se nas teorias psicológicas de Richard Lazarus e Susan Folkman, especificamente na Teoria do Estresse e *Coping*. Desenvolvida em 1980 e aprimorada em 1984, esta teoria transacional explica como os indivíduos lidam com situações estressantes, postulando que o enfrentamento do estresse envolve processos cognitivos e comportamentais usados para lidar com demandas que excedem seus recursos pessoais. A escala reflete a distinção entre diferentes tipos de *coping*, como ativas-cognitivas, ativas-comportamentais e de evitação, propostas por Lazarus e Folkman (1984). Assim, ela ajuda a compreender como as pessoas avaliam e respondem a eventos desafiadores, fornecendo uma estrutura conceitual para avaliar e classificar as estratégias de enfrentamento dos participantes.

Posteriormente adaptada por Melissa Oxlad, Lauren Miller-Lewis, Tracey D. Wade (2004), a versão da escala renomeada como “*Modified Coping Checklist*” - traduzida para português como “Lista de Verificação de Enfrentamento Modificada” – também pretende avaliar as estratégias de enfrentamento utilizadas pelas pessoas em situações de crise. Divergindo da primeira versão, a escala é composta por um conjunto de 12 itens que foram distribuídos em quatro fatores, a saber: Reavaliação positiva, Busca de apoio, Evitação e Busca de informações.

Conforme aduzido por Oxlad et. al. (2004), a reavaliação positiva é um fator que envolve esforços cognitivos para analisar o problema de forma positiva e identificar aspectos construtivos na situação. Os itens relacionados a esse fator refletem tentativas de reestruturar o problema de maneira mais positiva, aceitando a realidade da situação. A busca de apoio, outro fator da referida escala, está relacionada a buscar orientação e apoio de familiares, amigos ou profissionais. Sendo assim, entende-se que essa estratégia envolve compartilhar sentimentos e buscar suporte emocional durante momentos difíceis.

A evitação, como estratégia de *coping*, consiste em lidar com problemas evitando-os ou tentando reduzir a tensão por meio de comportamentos como manter os sentimentos para si mesmo, deslocar emoções para outras pessoas ou buscar alívio temporário em atividades e práticas. Por fim, a busca de informações é um fator associado a lidar com problemas por meio da busca ativa de conhecimento adicional. Naturalmente, indivíduos que utilizam essa estratégia buscam entender melhor a situação, buscando informações que possam ajudá-los a enfrentar o desafio.

Como dito, a referida escala foi utilizada em estudos que investigaram a relação entre o uso dessas estratégias de *coping* e variáveis psicossociais, como autoestima, em diferentes populações. Os resultados desses estudos forneceram dados relevantes sobre como diferentes formas de enfrentamento podem influenciar o bem-estar emocional e a saúde mental das pessoas em diferentes contextos (Oxlad et. al., 2004).

É importante ressaltar que a escala "*Modified Coping Checklist*" é uma adaptação da escala proposta por Billings e Moos na década de 1980 - *Coping Checklist*. Ao longo do processo de revisão do instrumento, os pesquisadores conduziram análises fatoriais exploratórias e confirmatórias para determinar a estrutura de fatores mais apropriada. Como dito anteriormente, os resultados revelaram a existência de quatro fatores distintos: Reavaliação Positiva, Busca de Apoio, Evitação e Busca de Informações. Oxlad et. al., (2004), afirmaram que a consistência interna dos fatores variou entre 0,41 a 0,62, enquanto a confiabilidade teste-reteste ao longo de um intervalo de 12 semanas oscilou entre 0,59 e 0,71. O modelo proposto pelos pesquisadores, com quatro fatores, explicou 55,6% da variação do fenômeno.

Os processos de adaptação transcultural da escala “Lista de Verificação de Enfrentamento” para o contexto brasileiro tiveram início com a tradução da escala para o português. A tradução foi realizada por um profissional bilíngue. Posteriormente, foi feita uma comparação entre as escalas em sua língua original – o inglês – e a versão traduzida para português. A comparação entre as versões, original e traduzida, foi feita por um grupo com proficiência em ambas as línguas. Houve ajustes semânticos na versão traduzida, porém, não foram ajustes significativos ou que pudessem mudar os sentidos originais de cada um dos itens.

Após os processos de tradução e retradução (*Back-translation*) (Borsa; Damásio; Bandeira, 2012), a escala foi submetida a análise de sete juízes *experts*, com formação em Psicologia Organizacional e do Trabalho, para a pertinência da redação, por meio do coeficiente de validade de conteúdo (CVC). O CVC avalia a concordância entre os juízes em suas avaliações quanto à clareza da linguagem, pertinência, relevância teórica e dimensão teórica avaliada (Cassepp-Borges et al., 2010). Assim, encontrou-se um $CVC = 0,93$ de pertinência do conteúdo avaliado quanto à clareza, coerência e linguagem oportuna para os itens. Seguindo a verificação semântica dos itens traduzidos, a escala final incluiu todos os itens adaptados, como indicado no Apêndice A. Diante disso, foi dado prosseguimento na coleta e análise de dados.

3.5 Procedimentos de coleta e de análise de dados

Um teste piloto, que contou com mais de 100 respostas, foi realizado com a escala proposta de 12 itens. Os ajustes iniciais, no entanto, não atenderam aos critérios de adequação, e a estrutura encontrada não correspondia aos 4 fatores propostos no estudo original. Diante disso, foi solicitado o auxílio de um grupo de pesquisadores para sugerir melhorias nos ajustes da escala. Como resultado, os pesquisadores recomendaram a adição de um novo item a cada fator originalmente proposto, para avaliar a adequação da escala ao contexto brasileiro. Com base em suas recomendações, os itens sugeridos foram adicionados, possibilitando uma nova coleta de dados na organização. Conforme apresentado na Tabela 4, a segunda aplicação da escala considerou 16 itens.

TABELA 4

Versão final da escala

Nº	ITEM
1	Tentei ver o lado positivo.
2	Procurei agir com calma e ser mais objetivo.
3	Dei um passo de cada vez.
4	Tomei atitudes positivas.
5	Disse alguma coisa a mim mesmo para me sentir melhor. *
6	Conversei com o companheiro (a) ou outro familiar.
7	Conversei com um amigo.
8	Guardei meus sentimentos para mim mesmo.
9	Busquei ajuda de outras pessoas ou grupos com o mesmo tipo de problema. *
10	Me preparei para o pior.
11	Algumas vezes descontei em outras pessoas.
12	Tentei reduzir a tensão comendo mais.
13	Tentei não pensar no problema. *
14	Tentei me informar mais sobre a situação.
15	Conversei com um profissional.
16	Tentei entender melhor a situação ou o problema. *

*Itens sugeridos pelos juízes especialistas

Na tentativa de refletir o mesmo número de fatores proposto no estudo conduzido por Oxlad et. Al. (2004) e otimizar a precisão de cada um deles, os especialistas que compõem o grupo de pesquisa propuseram a adição dos itens 5, 9, 13 e 16. Logo, essa inclusão não apenas

visava ajustar a estrutura de fatores da escala, mas também melhorar a qualidade de medição do instrumento.

Assim, prosseguiu-se com a coleta de dados. Nesta pesquisa, os dados foram coletados por meio de um questionário *on-line* composto por itens que abordaram aspectos demográficos e ocupacionais, além da escala para mensurar o *coping*, que é o principal construto analisado neste estudo. As questões sobre características demográficas e ocupacionais foram desenvolvidas pelos autores com o objetivo de identificar informações relevantes da amostra utilizada, tais como idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade, ocupação atual, tempo de experiência profissional, setor de atuação e cargo ou função desempenhada. A coleta de dados ocorreu entre maio e julho de 2022. Para a realização das análises dos dados coletados utilizou-se o *software JASP (Jeffreys's Amazing Statistics Program)* versão 0.14.1.

Por fim, foram utilizadas técnicas multivariadas de Análise Fatorial Exploratória e Confirmatória a fim de verificar a estrutura interna do instrumento, buscando identificar os agrupamentos ou fatores latentes que explicam as relações entre os itens (Borsa; Damásio; Bandeira, 2012).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Estudo 1: Análise Fatorial Exploratória da Escala Lista de verificação de enfrentamento modificada.

Para verificação dos indícios de validade do instrumento foi realizada Análise Fatorial Exploratória (AFE) por meio do *software JASP*, visando a redução do conjunto de variáveis a um conjunto menor com máxima variabilidade e fidedignidade (Pasquali, 2010). A análise foi implementada utilizando uma matriz policórica e método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) (Asparouhov; Muthen, 2010). A decisão sobre o número de fatores a ser retido foi realizada por meio da técnica da Análise Paralela com permutação aleatória dos dados observados (Timmerman, & Lorenzo-Seva, 2011) e a rotação utilizada foi a *Robust Promax* (Lorenzo-Seva; Ferrando, 2019).

Anteposto à AFE, foi necessário verificar os valores de assimetria, curtose e realizar o teste de normalidade. Para isso, foi conduzido o teste de normalidade multivariada de Mardia, no qual foram observados os valores de assimetria (*skewness* = 22,804 $p < 0,001$) e curtose (*kurtosis* = 332,887 $p < 0,001$) dos dados, o que sinaliza um não atendimento do pressuposto de normalidade. Devido ao uso de técnicas robustas de análise de dados, ou seja, métodos estatísticos que são menos sensíveis à violação de normalidades dos dados, foi possível prosseguir com as análises. Em seguida, foi realizada a AFE, incluindo a fatorabilidade, extração de fatores pelo método de resíduos mínimos, com rotação *Promax* e análise de confiabilidade.

Com objetivo de proceder à investigação das evidências de validade da escala, foram identificados os casos omissos ou *outliers*, sendo excluídos 91 indivíduos da amostra. Assim, o grupo amostral se manteve com 1028 sujeitos e a razão de casos por variável foi de 64,25 sujeitos por item. Não foram observados problemas relativos à multicolinearidade e à singularidade no arquivo de dados. Assim, optou-se por efetuar as análises com os 1028 respondentes.

A fim de analisar as evidências de validade psicométrica da escala “Lista de Verificação de Enfrentamento Modificada”, foi examinada a fatorabilidade da matriz de dados. Os resultados foram favoráveis, indicando um determinante de baixa magnitude, distinto de zero, com um KMO de 0,803 (Pasquali, 2010). Além disso, o teste de esfericidade de *Bartlett* revelou um valor significativo de 2370,6, com $p < 0,001$. Os referidos índices sugeriram interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. Após a verificação e análise dos índices anteriormente citados, prosseguiu-se com a extração dos fatores, suprimindo

coeficientes menores que 0,35 (Hair et al., 2009). A análise apontou o agrupamento dos itens, incluindo os 4 itens propostos pelos pesquisadores e acrescentados a escala original.

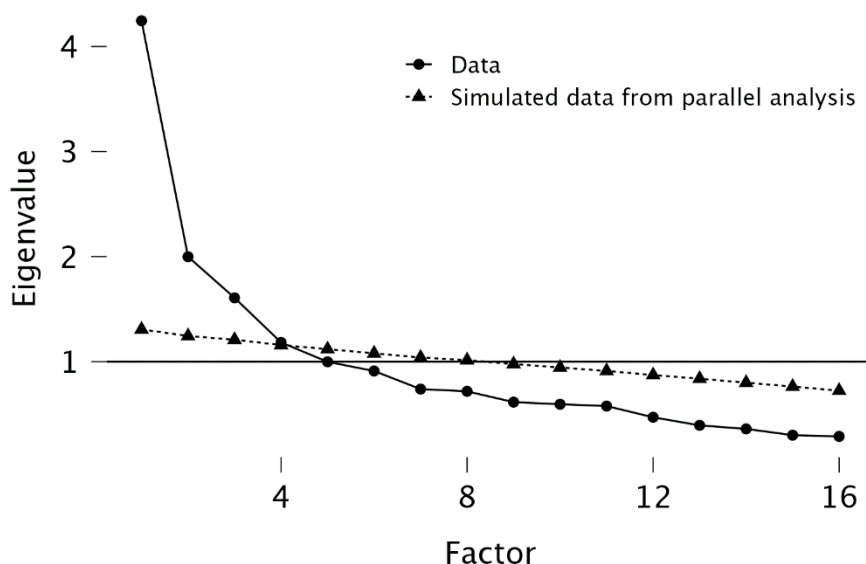


GRÁFICO 1 - Gráfico *Scree Plot*

Fonte: Dados da pesquisa

Adotou-se o gráfico de *scree Plot* (GRAF. 1) e o critério de *Kaiser-Guttman* (retenção de fatores com autovalor >1) para definir o número adequado de fatores, os quais apontaram a existência de até 4 fatores. Nesse sentido, a análise paralela (tabela 5) para confirmação do número de fatores possíveis mostra que há possibilidade de extração de 4 fatores para a escala proposta.

TABELA 5

Análise Paralela

Fatores	Real data component eigenvalues	Simulated data mean eigenvalues
Factor 1*	4.245	1.307
Factor 2*	1.999	1.244
Factor 3*	1.608	1.209
Factor 4*	1.183	1.158

Factor 5	0.998	1.119
Factor 6	0.911	1.079
Factor 7	0.739	1.040
Factor 8	0.717	1.014
Factor 9	0.615	0.977
Factor 10	0.595	0.944
Factor 11	0.578	0.912
Factor 12	0.471	0.873
Factor 13	0.393	0.838
Factor 14	0.360	0.800
Factor 15	0.300	0.763
Factor 16	0.288	0.724

Note. '*' = Factor should be retained. Results from PC-based parallel analysis.

Contudo, o processo de extração observou a existência de apenas 3 fatores, conforme pode-se observar na tabela 6, considerando a exclusão de 2 itens do questionário.

Em síntese, ao realizar a análise fatorial exploratória (AFE), dois métodos foram utilizados para determinar o número de fatores: o *scree plot* e a análise paralela. Ambos sugeriram a presença de até quatro fatores para os itens coletados. Mais especificamente, o *scree plot* mostrou uma inflexão clara após o quarto fator, indicando que a variância explicada pelos fatores adicionais seria mínima. A análise paralela corroborou essa observação, sugerindo que até quatro fatores poderiam ser relevantes para a estrutura dos dados. No entanto, ao examinar a matriz de extração de fatores (tabela 6), observou-se que os itens se agruparam em 3 (três) fatores distintos.

A análise detalhada da matriz padrão de extração de fatores revelou que os itens apresentaram cargas significativas em apenas três fatores. Isso sugere que, na prática, a estrutura subjacente dos dados é melhor representada por três fatores distintos, além de indicar a exclusão de 2 (dois) itens do questionário. Em resumo, enquanto os métodos iniciais sugeriram a possibilidade de quatro fatores, a análise da matriz padrão de extração indicou que três fatores são suficientes e mais adequados para explicar as relações entre os itens.

TABELA 6**Matriz Padrão de Extração dos Fatores**

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Uniqueness
EC04	0,818			0,339
EC02	0,804			0,407
EC01	0,738			0,454
EC03	0,695			0,534
EC16	0,542			0,643
EC05	0,508			0,636
EC14	0,499			0,623
EC06		0,854		0,282
EC07		0,716		0,442
EC08		-0,576		0,703
EC11			0,468	0,730
EC10			0,403	0,845
EC12			0,374	0,831
EC15			0,366	0,767
EC09				0,724
EC13				0,928

Note. Applied rotation method is promax.

A análise fatorial exploratória (AFE), por meio da matriz de extração de fatores, revelou o agrupamento dos itens em três fatores distintos:

- Fator 1: Os itens relacionados ao fator 1, denominado "Reavaliação Positiva", englobam tentativas ativas de reestruturar o problema de forma otimista, enquanto ainda se mantém a aceitação da realidade da situação enfrentada. Essa estratégia é exemplificada pelo item 1 - "Tentei ver o lado positivo";

- Fator 2: No que diz respeito ao fator 2 do instrumento, denominado "Busca por Apoio", os itens medem a procura por suporte emocional de familiares e amigos. Esta dimensão guarda muitas similaridades com os fatores de busca de apoio e mobilização identificados por outros pesquisadores (Oxlad et al., 2004). A referida estratégia é muito bem descrita pelo item 6 - "Conversei com o companheiro(a) ou outro familiar";
- Fator 3: Os demais itens, agrupados sob o fator 3, denominado "Evitação", dizem respeito a estratégias adotadas a fim de evitar situações estressantes. Ideia traduzida no item 11 "Algumas vezes descontei em outras pessoas.". Assim, conclui-se que este fator engloba estratégias de enfrentamento orientadas para a evitação do problema, tais como fatalismo, descarga emocional e escapismo.

Assim, a estrutura composta por três fatores, conforme ilustrado na Figura 1, e 14 itens, constitui o instrumento destinado a avaliar as estratégias de enfrentamento empregadas pelas pessoas diante de crises (Oxlad et al., 2004). É importante ressaltar a recomendação de exclusão dos itens 9, "Busquei ajuda de outras pessoas ou grupos com o mesmo tipo de problema", e 13, "Tentei não pensar no problema". Ambos os itens foram sugeridos pelo grupo de pesquisa e incluídos na escala original. O item 9 foi incluído com a intenção de aprimorar o fator 2 da escala original, o qual se destina a avaliar a adoção de estratégias voltadas para a busca por suporte. Da mesma forma, o item 13 foi elaborado com base na concepção expressa pelo fator 3 da escala, visando avaliar a adoção de estratégias de evitação.

Conforme a Tabela 6, observa-se que a estrutura da escala diverge daquela originalmente proposta por Oxlad et al. (2004), com 12 itens distribuídos em 4 fatores. Os itens que anteriormente formavam o quarto fator da escala original, na versão adaptada pelo presente estudo, foram redistribuídos entre os fatores 1 e 3. O item 14 - "Tentei me informar mais sobre a situação" foi absorvido pelo fator 1, enquanto o item 15 - "Conversei com um profissional" foi absorvido pelo fator 3. Além disso, é preciso destacar que o item 08, "Me preparei para o pior", revelou uma carga fatorial negativa significativa para o fator 2 (-0,576). Isso sugere que este item está inversamente relacionado com a dimensão ou construto representado por esse fator. Em outras palavras, uma pontuação mais alta neste item indica uma menor preparação para enfrentar situações desfavoráveis.

Resumidamente, a análise fatorial exploratória (AFE) revelou o agrupamento dos itens em três fatores distintos. Os itens relacionados ao fator 1, denominado "Reavaliação Positiva", englobam tentativas ativas de reestruturar o problema de forma otimista, enquanto ainda se mantém a aceitação da realidade da situação enfrentada. Essa estratégia é

exemplificada pelo item 1 - "Tentei ver o lado positivo". No que diz respeito ao fator 2 do instrumento, denominado "Busca por Apoio", os itens medem a procura por suporte emocional de familiares e amigos. Esta dimensão guarda muitas similaridades com os fatores de busca de apoio e mobilização identificados por outros pesquisadores (Oxlad et al., 2004). A referida estratégia é muito bem descrita pelo item 6 - "Conversei com o companheiro(a) ou outro familiar".

Os demais itens, agrupados sob o fator 3, denominado "Evitação", dizem respeito a estratégias adotadas a fim de evitar situações estressantes. Ideia traduzida no item 11 "Algumas vezes descontei em outras pessoas.". Este fator engloba estratégias de enfrentamento orientadas para a evitação do problema, tais como fatalismo, descarga emocional e escapismo. A estrutura, composta por três fatores e 14 itens conforme demonstrado na tabela 6, possivelmente representa como o grupo de respondentes percebe e emprega estratégias de enfrentamento em situações de crise.

No que se refere aos índices gerais, a escala demonstrou consistência interna pouco satisfatória, com um coeficiente alfa de Cronbach de 0,63 e um Ômega McDonald's de 0,51. No entanto, ao analisar os fatores individualmente, foi observado que o fator 1, representado por "Reavaliação positiva", apresentou um coeficiente alfa de Cronbach de 0,830 e um Ômega McDonald's de 0,820, indicando uma consistência interna satisfatória para esse fator específico. Porém, tanto o fator 2, "Busca por Apoio", quanto o fator 3, "Evitação", demonstraram coeficientes alfa de -0,105 e 0,433, respectivamente. Além disso, esses mesmos fatores apresentaram valores pouco significantes para o indicador Ômega McDonald's, 0,462 e 0,460, respectivamente.

Esses índices sugerem que a escala possui uma baixa consistência interna em sua totalidade. Todavia, para o fator 1, os índices indicam que as questões relacionadas a esse fator estão medindo de forma confiável o construto. No entanto, os baixos valores de alfa de Cronbach e Ômega de McDonald para os fatores 2 e 3 sugerem haver espaço para melhoria dos itens que os compõem. Sendo assim, os índices de confiabilidade (alfa de Cronbach e Ômega de McDonald), verificados na AFE, para a estrutura completa da escala apresentaram valores que, embora estejam dentro dos limites aceitáveis, não são considerados ótimos. Isso pode indicar uma certa inconsistência na relação entre itens da escala.

Embora a literatura geralmente sugira um coeficiente alfa de Cronbach ou Ômega McDonald's de 0,70 ou superior para indicar uma boa consistência interna (Nunnally, 1978),

alguns estudos argumentam que esses limiares não são estritos e podem variar dependendo do contexto da pesquisa (Streiner, 2003). Assim, em alguns casos, os coeficientes abaixo de 0,70, ou mesmo abaixo de 0,50, podem ser aceitáveis se a escala for usada para fins de pesquisa exploratória ou se o construto medido for altamente multidimensional (Clark; Watson, 1995).

A análise fatorial exploratória realizada pelo *software JASP* apresenta índices gerais semi-confirmatórios do modelo proposto. Os resultados indicam que a estrutura composta por três fatores apresenta ajustes pouco satisfatórios para o contexto brasileiro. Os resíduos, com um RMSEA de 0,083 (IC 90% 0,074 - 0,092), SRMR de 0,05, TLI de 0,81 e CFI de 0,90, juntamente com uma variância explicada de 38%, sugerem uma baixa adequação da estrutura aos dados coletados. Outro índice que demonstra adequação é a razão do qui-quadrado dividido pelos graus de liberdade = 4,51 indicando que a estrutura é pouco adequada (Hair et al., 2005).

Todavia, conforme Kline (1998), uma razão X^2 / df menor do que três é aceitável e para Hair Jr. et al. (2005) esse valor deve ser igual ou inferior a cinco. Assim, os resultados enfatizam a importância da estrutura de três fatores, conforme identificado pela análise exploratória, como a mais apropriada para a avaliação de estratégias de enfrentamento (*coping*) no contexto brasileiro. Esses resultados foram utilizados para a Análise Fatorial Confirmatória da escala.

4.2 Estudo 2: Análise Fatorial Confirmatória da Escala Lista de verificação de enfrentamento modificada.

Para a segunda fase do estudo, que envolveu a Análise Fatorial Confirmatória (AFC), utilizou-se a mesma amostra, o que se configura como análise exploratória Semiconfirmatória (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). No entanto, para esse procedimento, a amostra foi dividida em subgrupos de forma aleatória. Além disso, foram considerados os três fatores identificados na Análise Fatorial Exploratória (AFE). Essa divisão e a consideração dos fatores buscavam uma verificação mais robusta da estrutura fatorial proposta e uma possível confirmação da consistência interna do instrumento. Com isso, obteve-se uma compreensão mais precisa das relações entre os itens observados.

A análise fatorial confirmatória (AFC) foi estimada pelo método de máxima verossimilhança, estimador sugerido como mais adequado pelo *software* para esta análise, assim apresentando os índices de ajustes do modelo. Para o teste de ajuste do modelo

proposto, foram analisados os seguintes índices: CFI (*Comparative Fit Index*); RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation*); NFI (*Normed Fit Index*); e GFI (*Goodness-of-fit Index*), como debatido na literatura especializada (Bentler, 1990; Boomsma, 2000; Byrne, 2001; MacCallum, Roznowski, Necowitz, 1992; McDonald; Ho, 2002; Ullman, 2001). Os critérios adotados como ajustes satisfatórios para os modelos testados foram índices superiores a 0,80 para CFI, GFI e NFI. Para o índice RMSEA adotou-se valores próximos ou inferiores a 0,08. A tabela 7 apresenta os índices de ajustes do modelo testado.

TABELA 7**Índices de ajuste do modelo confirmatório**

Índices de Ajustes	
Índices	Valores
Comparative Fit Index (CFI)	0,856
Tucker-Lewis Index (TLI)	0,823
Bentler-Bonett Non-normed Fit Index (NNFI)	0,823
Bentler-Bonett Normed Fit Index (NFI)	0,826
Parsimony Normed Fit Index (PNFI)	0,672
Bollen's Relative Fit Index (RFI)	0,786
Bollen's Incremental Fit Index (IFI)	0,858
Relative Noncentrality Index (RNI)	0,856

TABELA 8**Outros Índices de Ajustes**

Métricas	Valores
Root mean square error of approximation (RMSEA)	0,086
RMSEA 90% CI lower bound	0,077
RMSEA 90% CI upper bound	0,095
RMSEA p-value	8,848×10 ⁻¹¹
Standardized root mean square residual (SRMR)	0,079
Hoelter's critical N ($\alpha = ,05$)	139.462
Hoelter's critical N ($\alpha = ,01$)	154.200
Goodness of fit index (GFI)	0,994
McDonald fit index (MFI)	0,763
Expected cross validation index (ECVI)	0,862

A análise fatorial confirmatória foi realizada no sistema *JASP* com a presença de 3 fatores, conforme apontado pela análise fatorial exploratória, para a escala “Lista de Verificação de Enfrentamento Modificada”. Conforme a tabela 8, verifica-se que todos os

índices de ajustes para a estrutura proposta podem ser considerados adequados. A Análise Fatorial Confirmatória (AFC) revelou índices adequados para a escala adaptada, com um RMSEA de 0,086, um *Comparative Fit Index* (CFI) de 0,86 e uma *Tucker-Lewis Index* (TLI) superior a 0,82. Esses resultados sugerem uma baixa aderência do modelo aos dados observados. Apesar disso, cumpre mencionar que a estrutura identificada pode ser aceitável, uma vez que apresentou valores próximos dos recomendados pela literatura.

Para Kline (1998), uma razão X^2 / df menor do que três é aceitável e para Hair Jr. et al. (2005) esse valor deve ser igual ou inferior a cinco, o resultado obtido nessa análise, de 5,82 é marginal ao sugerido pela literatura. Complementando o Qui-quadrado, foi realizada a raiz do erro quadrático de aproximação (RMSEA), que resultou em um valor de 0,086 (IC 90% 0,077 a 0,095), representando qualidade no ajuste do modelo, visto que os valores recomendados variam entre 0,05 a 0,08 (Hair Jr. et al., 2005). Essas medidas de ajuste absoluto indicam que o modelo pode ser aceitável, em outras medidas comparativas, verificou-se que os índices CFI, GFI e TLI mostraram-se adequados com valores acima de 0,80. Dessa forma, verificando os índices o modelo pode ser considerado parcialmente adequado.

A partir da análise fatorial confirmatória realizada, a escala “Lista de Verificação de Enfrentamento Modificada” configura-se com três dimensões, conforme a figura 1, denominadas: Reavaliação Positiva, Busca por Apoio e Evitação. Para atestar a validade da escala, além do alfa de Cronbach, foram calculados a variância média extraída (VME) e a confiabilidade composta (CC) dos fatores apresentados. Esses indicadores são usados para avaliar a qualidade do modelo estrutural de um instrumento psicométrico (Valentini; Damasio, 2016; Hair et al., 2009). Assim, os resultados foram: fator 1, Reavaliação Positiva, VME = 0,45, CC = 0,85; fator 2, Busca por Apoio, VME = 0,22, CC = 0,40; e fator 3, Evitação, VME = 0,23, CC = 0,43.

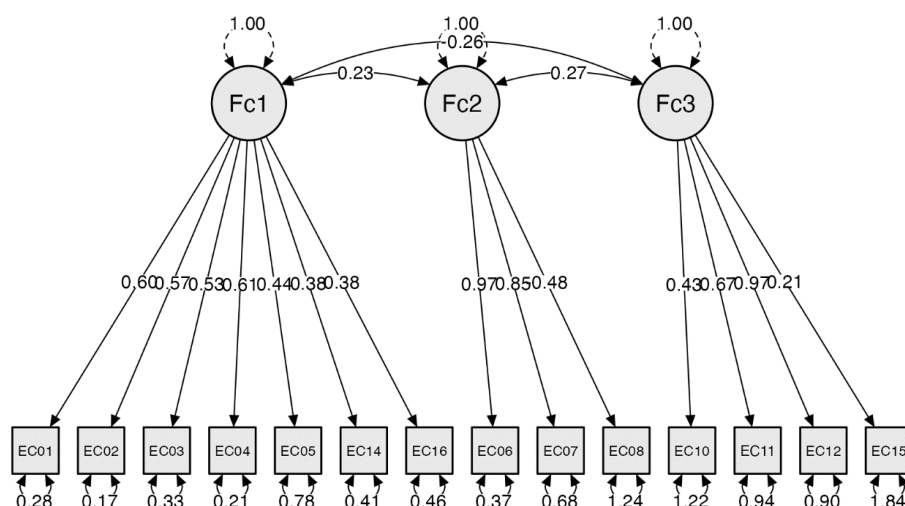


FIGURA 1

Modelo confirmatório proposto

A literatura sugere que o valor adequado para VME é igual ou superior a 0,50 e para CC é recomendado um valor de 0,70 (Hair et al., 2009). Portanto, observa-se que os fatores não apresentaram VMEs e CCs satisfatórios. No entanto, vale lembrar que, apesar disso, os demais índices foram atendidos e os ajustes (RMSEA, TLI, CFI, GFI) da estrutura do instrumento foram melhores na presença de três fatores. Portanto, foram mantidos os três fatores para a escala conforme sugeriu a análise fatorial exploratória.

Considerando as informações apresentadas, os resultados da Análise Fatorial Exploratória (AFE) sugerem índices baixos para a estrutura geral, bem como para dois fatores da escala. Além disso, a Análise Fatorial Confirmatória (AFC), que avaliou os resíduos, também indicou que, de forma geral, a escala possui propriedades psicométricas pouco aceitáveis. No entanto, apesar dos índices pouco significativos, a estrutura composta por três fatores explicou mais de 38% do fenômeno investigado. Mesmo assim, infere-se que a escala adaptada pelo presente estudo apresenta oportunidades de melhoria, pois suas propriedades psicométricas não podem ser consideradas satisfatórias.

A análise fatorial confirmatória foi realizada no sistema *JASP* com a presença de 3 fatores, conforme apontado pela análise fatorial exploratória. Assim, é necessário descrever a estrutura da escala adaptada composta por 14 elementos divididos entre os 3 fatores (tabela 9). O Fator 1, denominado "Reavaliação Positiva", abrange elementos que tentam reformular o problema de maneira otimista, mantendo a aceitação da realidade da situação, como exemplificado pelo item 1 - "Procurei ver o lado positivo". O Fator 2, chamado "Busca por Apoio", avalia a busca por suporte emocional de entes queridos e amigos, similar aos fatores

de busca de apoio e mobilização identificados por outros estudos. Este fator pode ser representado pelo item 6 - "Falei com meu parceiro(a) ou outro membro da família". Finalmente, o Fator 3, "Evitação", reúne os demais elementos que se referem a estratégias utilizadas para evitar circunstâncias estressantes, que incluem fatalismo, descarga emocional e escapismo, exemplificado pelo item 11 - "Por vezes, descontei em outras pessoas.".

TABELA 9

Outros Índices de Ajustes

Nº	FATOR	ITEM
1	Reavaliação positiva	1- Tentei ver o lado positivo.
		2- Procurei agir com calma e ser mais objetivo.
		3- Dei um passo de cada vez
		4- Tomei atitudes positivas
		16- Tentei entender melhor a situação ou o problema
		5- Disse alguma coisa a mim mesmo para me sentir melhor
		14- Tentei me informar mais sobre a situação.
2	Busca por apoio	6- Conversei com o companheiro (a) ou outro familiar.
		7- Conversei com um amigo
		8- Guardei meus sentimentos para mim mesmo
3	Prevenção	10- Me preparei para o pior
		11- Algumas vezes descontei em outras pessoas.
		12- Tentei reduzir a tensão comendo mais.
		15- Conversei com um profissional

4.3 Análise confirmatória do modelo original

Adicionalmente, para verificar a existência de ajustes de validade de medida para uma estrutura com quatro fatores, conforme sugerido por Oxlad et al. (2004), foi conduzido uma análise fatorial confirmatória para verificar os índices de ajuste. Esse teste visou avaliar a adequação do modelo composto por quatro fatores, garantindo que a estrutura teórica proposta seja verificada empiricamente através dos índices obtidos. Conforme a tabela 10, foi estabelecido uma comparação entre as estruturas original e a proposta pela análise fatorial exploratória (AFE):

TABELA 10**Comparação entre o modelo original e ajustado**

Modelos	χ^2	df	χ^2 / df	RMSEA	SRMR	TLI	CFI	GFI
Modelo original	606,484	98	6,18	0,071	0,061	0,86	0,88	0,99
Modelo ajustado	431,828	74	5,82	0,086	0,079	0,82	0,86	0,99

Embora o valor de qui-quadrado (χ^2) seja maior no modelo original, um valor menor de qui-quadrado não necessariamente indica um melhor ajuste, especialmente em amostras grandes, onde até pequenas discrepâncias podem resultar em valores de χ^2 elevados (Bergh, 2015). O qui-quadrado deve ser interpretado em relação ao grau de liberdade (df), e a razão χ^2 / df é uma métrica mais adequada. Ambos os modelos apresentam uma razão χ^2 / df acima de 5, o que sugere um ajuste moderado.

Os índices RMSEA e SRMR são melhores no modelo original, o que pode ser explicado pelo maior número de fatores presentes nesse modelo. Mais fatores podem capturar melhor a complexidade dos dados, resultando em índices de ajuste de resíduos mais baixos. No entanto, isso não significa necessariamente que a estrutura com quatro fatores seja superior. A razão χ^2 / df em ambos os modelos sugere um ajuste moderado, e os índices de ajuste incremental, como TLI e CFI, são inferiores no modelo ajustado, enquanto o índice GFI é igual para ambos.

Sendo assim, os resultados obtidos não indicam que a estrutura com quatro fatores é indiscutivelmente melhor. Devido às limitações inerentes a este estudo, é necessário realizar uma reavaliação com amostras independentes para validar esses achados. Com base nos resultados obtidos na análise fatorial exploratória (AFE), defende-se uma estrutura com três fatores, que se mostrou mais adequada dentro do contexto analisado. Essa abordagem permite um equilíbrio entre a precisão do ajuste e a simplicidade do modelo, facilitando sua aplicação prática e interpretação (Oxlad et al., 2004).

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O bem-estar dos trabalhadores, a adaptação a mudanças e a gestão do estresse no ambiente de trabalho são focos recentes de pesquisa. Desse modo, o aumento de pesquisas relacionadas aos referidos temas resulta da rápida evolução das organizações, podendo ter impacto subsequente na saúde e bem-estar dos funcionários (Stouten; Rousseau; Cremer, 2018; Simonelli, 2020). Por isso, tais fenômenos atraíram a atenção de gestores e acadêmicos por suas implicações significativas no desempenho de indivíduos e organizações (Smollan, 2015; Gonçalves et al., 2019). Portanto, é possível argumentar que nos últimos anos houve uma preocupação crescente com a saúde e o desempenho dos trabalhadores, verificada por meio da necessidade de ações preventivas e intervencionistas capazes de promover um maior bem-estar (Stouten; Rousseau; Cremer, 2018).

Nesse sentido, a pesquisa voltada para a abordagem e combate ao estresse no local de trabalho vem ganhando destaque. Mais especificamente, o foco tem sido as estratégias de *coping*, que são métodos pelos quais os indivíduos lidam com situações estressantes (Pinheiro et. al., 2003; Oxlad et. al., 2004;). A importância dessas estratégias é evidente, uma vez que se configuram como práticas essenciais para a mitigação e gerenciamento do estresse ocupacional, além de auxiliar na promoção da saúde e bem-estar no local de trabalho (Kato, 2013; Mustafa, 2015).

A compreensão e implementação dessas estratégias são fundamentais para a manutenção da saúde do trabalhador e a eficiência organizacional, pois permitem que os indivíduos lidem com situações desafiadoras e/ou desgastantes de maneira eficaz e, consequentemente, reduzam os riscos para a saúde. Além disso, é importante notar que as referidas práticas não beneficia apenas o indivíduo, mas também tem impacto nas empresas, resultando em economia de custos. Isso se deve ao fato de que o estresse no trabalho está diretamente relacionado a taxas mais altas de rotatividade, o que gera despesas adicionais para as organizações (Kim, 2015; Sun; Wang, 2017, Novitasari, 2020).

No entanto, apesar da importância do tema, é importante ressaltar que avaliar o *coping* tem sido algo desafiador devido à natureza subjetiva das estratégias de enfrentamento utilizadas pelos indivíduos, bem como à complexidade de medir a eficácia dessas estratégias em diversos contextos. Ademais, a diversidade de respostas individuais ao estresse e a influência de fatores externos no processo de *coping* também podem dificultar a avaliação precisa dessas estratégias. Ainda assim, diante da insuficiência de métodos comprovadamente

mais eficientes, o uso de escalas com indicadores psicométricos robustos ainda se mantém como o melhor método para verificação e mensuração desse tipo de fenômeno (Oxlad et al., 2004).

Diante disso, a criação e adaptação de instrumentos e práticas que auxiliem na redução do estresse ocupacional e promovam a saúde e bem-estar são de extrema relevância tanto no contexto acadêmico quanto no organizacional. Essas medidas possibilitam o processo de desenvolvimento de práticas e políticas voltadas para a qualidade de vida no trabalho. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo adaptar a escala "Lista de Verificação de Enfretamento Modificada" a fim de contribuir com um instrumento prático e de fácil utilização, capaz de avaliar as estratégias de enfrentamento no local de trabalho. Essa adaptação é valiosa, pois pretende oferecer uma ferramenta que pode ajudar na identificação e na implementação de abordagens eficazes para lidar com crises.

Contudo, apesar dos esforços empreendidos no presente estudo, as análises fatoriais exploratória e confirmatória revelaram que a escala adaptada para avaliar estratégias de enfrentamento não reproduziu os quatro fatores propostos no estudo original ao ser aplicada em uma amostra de trabalhadores brasileiros. Este resultado sugere que os respondentes interpretaram os itens de maneira diferente da amostra utilizada na adaptação feita pelos pesquisadores em 2004. Além disso, embora alguns índices de ajuste do modelo tenham sido satisfatórios, como CFI, GFI, TLI e RMSEA, a consistência interna geral, bem como dos fatores "Busca por Apoio" e "Prevenção", foi consideravelmente baixa.

Diante do exposto, e apesar da inclusão de novos itens à estrutura do instrumento, conclui-se que a escala adaptada não obteve indícios de validade satisfatórios para o Brasil. Naturalmente, o instrumento investigado apresenta oportunidades de melhoria, uma vez que suas propriedades psicométricas podem ser consideradas pouco satisfatórias no contexto organizacional especificamente estudado. Isso sugere a necessidade de revisão e ajustes na escala para melhor atender às demandas e características da população alvo.

Cumprido mencionar que o presente estudo não está isento de limitações, as quais podem ter contribuído para os resultados menos favoráveis identificados. A principal limitação foi a variabilidade restrita da amostra, decorrente da aplicação da escala exclusivamente em uma única organização. Além disso, a divisão da amostra para realização da AFE e AFC pode influenciar nos resultados pouco favoráveis. Essa limitação pode ter influenciado significativamente os índices encontrados na análise fatorial confirmatória. Como destacado por Brooks et. Al., (2023), a diversidade dos respondentes é fundamental

para uma amostragem robusta, e a falta dela pode limitar a generalização dos resultados. Portanto, é essencial interpretar nossos resultados à luz desta restrição.

Ademais, os índices de confiabilidade, como o alfa de Cronbach, são sensíveis à amostra utilizada e podem variar substancialmente dependendo do tamanho da amostra, da diversidade dos participantes e da variabilidade das respostas e do número de itens. Assim, uma escala que demonstra alta confiabilidade em uma amostra pode não ter a mesma confiabilidade em outra.

Portanto, conclui-se que a escala “Lista de Verificação de Enfrentamento Modificada” não alcançou indícios de validade na presente investigação. Dessa forma, para estudos futuros sugere-se uma análise mais aprofundada da adequação dos itens à população-alvo ou mesmo a consideração de novos itens que melhor capturem o construto em questão. Além disso, realizar análises adicionais, como testes de replicação em diferentes contextos ou amostras, pode ajudar a validar ainda mais a estrutura da escala e aprimorar sua confiabilidade e validade em diferentes cenários organizacionais. Essas medidas são essenciais para garantir que a escala seja robusta e confiável o suficiente para ser aplicada em diferentes ambientes de trabalho, proporcionando uma compreensão mais abrangente da real efetividade das estratégias de *coping*.

6. REFERÊNCIAS

ASPAROUHOV, Tihomir; MUTHÉN, Bengt. Weighted least squares estimation with missing data. Mplus technical appendix, v. 2010, n. 1-10, p. 5, 2010.

BACANLI, Hasan; SURUCU, Mustafa; ILHAN, Tahsin. An Investigation of Psychometric Properties of Coping Styles Scale Brief Form: A Study of Validity and Reliability. Educational Sciences: Theory and Practice, v. 13, n. 1, p. 90-96, 2013. Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indexes in structural models. Psychological bulletin, 107(2), 238.

BERGH, Daniel. Chi-squared test of fit and sample size-a comparison between a random sample approach and a chi-square value adjustment method. Journal of applied measurement, v. 16, n. 2, p. 204-217, 2015.

BILLINGS, Andrew G.; MOOS, Rudolf H. The role of coping responses and social resources in attenuating the stress of life events. Journal of behavioral medicine, v. 4, n. 2, p. 139-157, 1981. BOOMSMA, Ana. Análises de relatórios de estruturas de covariância. Modelagem de equações estruturais, v. 7, n. 3, pág. 461-483, 2000.

BORSA, Juliane Callegaro; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo; BANDEIRA, Denise Ruschel. Cross-cultural adaptation and validation of psychological instruments: Some considerations. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 22, p. 423-432, 2012.

BROOKS, Jada L. et al. Methodological considerations in scale refinement with diverse populations: A case example using the CES-D with a community sample of American Indian women. Issues in mental health nursing, v. 43, n. 8, p. 776-783, 2022.

BURZYNSKA, Agnieszka Z. et al. Occupational physical stress is negatively associated with hippocampal volume and memory in older adults. Frontiers in human neuroscience, v. 14, p. 266, 2020.

BURZYNSKA, Agnieszka Z. et al. Occupational physical stress is negatively associated with hippocampal volume and memory in older adults. Frontiers in human neuroscience, v. 14, p. 266, 2020.

BYRNE, Barbara M. Structural equation modeling with AMOS, EQS, and LISREL: Comparative approaches to testing for the factorial validity of a measuring instrument. International journal of testing, v. 1, n. 1, p. 55-86, 2001.

CALLAN, Victor J. Individual and organizational strategies for dealing with organizational change.

CARLOTTO, MS; GOBBI, MD Síndrome de Burnout: um problema individual ou relacionado ao trabalho. 1999.

CARVER, Charles S.; CONNOR-SMITH, Jennifer. Personality and coping. Annual review of psychology, v. 61, p. 679-704, 2010.

CARVER, Charles S.; SCHEIER, Michael F.; WEINTRAUB, Jagdish K. Assessing coping strategies: a theoretically based approach. Journal of personality and social psychology, v. 56, n. 2, p. 267, 1989.

CASAS, Juana; REPULLO, José Ramón; LORENZO, Susana. Estrés laboral en el medio sanitario y estrategias adaptativas de afrontamiento. *Revista de calidad asistencial*, v. 17, n. 4, p. 237-246, 2002.

CASSEPP-BORGES, Vicente; BALBINOTTI, Marcus AA; TEODORO, Maycoln LM. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas*, p. 506-520, 2010.

Clark, L. A., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, 7(3), 309-319.

COX, Tom. Stress, coping and problem solving. *Work & Stress*, v. 1, n. 1, p. 5-14, 1987.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. *Projeto de pesquisa-: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Penso Editora, 2021.

DE SOUSA JÚNIOR, Belarmino Santos et al. Pandemia do coronavírus: estratégias amenizadoras do estresse ocupacional em trabalhadores da saúde. *Enfermagem em foco*, v. 11, n. 1. ESP, 2020.

DIAS, Ewerton Naves; PAIS-RIBEIRO, José Luís. O modelo de coping de Folkman e Lazarus: aspectos históricos e conceituais. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 11, n. 2, p. 55-66, 2019.

DIOTAIUTI, Pierluigi et al. Effects of cognitive appraisals on perceived self-efficacy and distress during the COVID-19 lockdown: an empirical analysis based on structural equation modeling. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 20, n. 7, p. 5294, 2023.

DORON, Julie; STEPHAN, Yannick; LE SCANFF, Christine. Les stratégies de coping: une revue de la littérature dans les domaines du sport et de l'éducation. *European review of applied psychology*, v. 63, n. 5, p. 303-313, 2013.

FOLKMAN, Susan; LAZARUS, Richard S. Coping as a mediator of emotion. *Journal of personality and social psychology*, v. 54, n. 3, p. 466, 1988.

FOLKMAN, Susan; LAZARUS, Richard S. An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of health and social behavior*, p. 219-239, 1980.

Genebra, Suíça. INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION – ILO. OMS e OIT pedem novas medidas para enfrentar os problemas de saúde mental no trabalho. Disponível em: < <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/oms-e-oit-pedem-novas-medidas-para-enfrentar-os-problemas-de-saude-mental#:~:text=Estima%2Dse%20que%2012%20bilh%C3%B5es,quase%20um%20trilh%C3%A3o%20de%20d%C3%B3lares.>>. Acesso em: 24 fev. 2024.

Genebra, Suíça. INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION – ILO. OMS e OIT fazem chamado para novas medidas de enfrentamento das questões de saúde mental no trabalho. Disponível em: < <https://www.paho.org/pt/noticias/28-9-2022-oms-e-oit-fazem-chamado-para-novas-medidas-enfrentamento-das-questoes-saude#:~:text=Estima%2Dse%20que%20anualmente%2012,quase%201%20trilh%C3%A3o%20de%20d%C3%B3lares.>>. Acesso em: 25 fev. 2024.

Genebra, Suíça. WORLD HEALTH ORGANIZATIONAL. Saúde mental depende de bem-estar físico e social, diz OMS em dia mundial. Disponível em:< <https://brasil.un.org/pt-br/74566-sa%C3%BAde-mental-depende-de-bem-estar-f%C3%ADsico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial>>. Acesso: 24 fev. 2024.

- GONÇALVES, Alice et al. Estresse e burnout em profissionais de saúde. In: Segurança e saúde ocupacional e ambiental. Cham: Springer International Publishing, 2019. p. 563-571.
- GURVICH, Caroline et al. Coping styles and mental health in response to societal changes during the COVID-19 pandemic. *International Journal of Social Psychiatry*, v. 67, n. 5, p. 540-549, 2021.
- HAIR, J. F. Preparação para uma análise multivariada. Hair JF, Anderson RE, Tatham RL, Black WC. *Análise multivariada de dados*. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, p. 56-60, 2005.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman editora.
- HAIR, Joseph F. et al. *Análise multivariada de dados*. Bookman editora, 2009.
- HARINI, Anne Nivethya et al. Psychological Challenges and Coping Strategies during COVID-19 in 2020: A Systematic Review. *Asian Journal of Research in Education and Social Sciences*, v. 5, n. 2, p. 148-163, 2023.
- HILTON, Jeanne M.; MARTIN, Sally Kees; HALDEMAN, Virginia A. Using psychometric analysis to evaluate the construct validity and reliability of the coping response indices. *Journal of Family and Economic Issues*, v. 15, p. 201-221, 1994.
- HIRSCHLE, Ana Lucia Teixeira; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Stress and well-being at work: a literature review. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 2721-2736, 2020.
- HO, Cyrus SH et al. Mental health strategies to combat the psychological impact of COVID-19 beyond paranoia and panic. *Ann Acad Med Singapore*, v. 49, n. 1, p. 1-3, 2020.
- HOLAHAN, Charles J.; MOOS, Rudolf H. Personal and contextual determinants of coping strategies. *Journal of personality and social psychology*, v. 52, n. 5, p. 946, 1987.
- HORNUNG, Severin; LAMPERT, Bettina; GLASER, Jürgen. Dealing with organizational double binds: Three-way interactive effects of role stressors and coping on worker exhaustion. *Psychological Reports*, v. 118, n. 2, p. 487-509, 2016.
- HUANG, Songshan; VAN DER VEEN, Robert; SONG, Zhenchun. The impact of coping strategies on occupational stress and turnover intentions among hotel employees. *Journal of Hospitality Marketing & Management*, v. 27, n. 8, p. 926-945, 2018.
- JOHNSON, Sharona et al. Coping with intradialytic events and stress associated with hemodialysis. *Nephrology Nursing Journal*, v. 46, n. 1, p. 13-22, 2019.
- JUNG, Heeja et al. Assessing the presence of post-traumatic stress and turnover intention among nurses post-Middle East respiratory syndrome outbreak: the importance of supervisor support. *Workplace health & safety*, v. 68, n. 7, p. 337-345, 2020.
- KARLSEN, Elin; DYBDAHL, Ragnhild; VITTERSØ, Joar. The possible benefits of difficulty: How stress can increase and decrease subjective well-being. *Scandinavian Journal of Psychology*, v. 47, n. 5, p. 411-417, 2006.
- KATO, Tsukasa. Escalas de enfrentamento frequentemente usadas: uma meta-análise. *Estresse e Saúde*, v. 31, n. 4, pág. 315-323, 2015.
- KAWATA, Kelssy Hitomi dos Santos et al. Motivational decline and proactive response under thermal environmental stress are related to emotion-and problem-focused coping, respectively: Questionnaire construction and fMRI study. *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, v. 17, p. 1143450, 2023.

- KIM, Jungin. What increases public employees' turnover intention?. *Public Personnel Management*, v. 44, n. 4, p. 496-519, 2015.
- KLINE, R. B. Principles and practices of structural equation modeling. New York: The Guilford Press. 1998.
- KLOUTSINIOTIS, Panagiotis V. et al. Transformational Leadership, HRM practices and burnout during the COVID-19 pandemic: The role of personal stress, anxiety, and workplace loneliness. *International Journal of Hospitality Management*, v. 102, p. 103177, 2022.
- KYOUNG, Hwang Yeoun; SEEK, Lee Chang. THE EFFECT OF JOB STRESS AND PSYCHOLOGICAL BURNOUT ON CHILD-CARE TEACHERS' TURNOVER INTENTION: A MODERATED MEDIATION MODEL OF GRATITUDE. *Перспективы науки и образования*, n. 1 (49), p. 390-403, 2021.
- LAZARUS, Richard S.; FOLKMAN, Susan. **Estresse, avaliação e enfrentamento**. Springer Publishing Company, 1984.
- LAZARUS, Richard S. Theory-based stress measurement. *Psychological inquiry*, v. 1, n. 1, p. 3-13, 1990.
- LORENZO-SEVA, Urbano; FERRANDO, Pere J. Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. *LIBERABIT. Revista Peruana de Psicología*, v. 25, n. 1, p. 99-106, 2019.
- MACCALLUM, Robert C.; ROZNOWSKI, Mary; NECOWITZ, Lawrence B. Model modifications in covariance structure analysis: the problem of capitalization on chance. *Psychological bulletin*, v. 111, n. 3, p. 490, 1992.
- MATURANA, Ana Paula Pacheco Moraes; VALLE, Tânia Gracy Martins do. Estratégias de enfrentamento e situações estressoras de profissionais no ambiente hospitalar. *Psicologia Hospitalar*, v. 12, n. 2, p. 02-23, 2014.
- MCDONALD, Roderick P.; HO, Moon-Ho Ringo. Principles and practice in reporting structural equation analyses. *Psychological methods*, v. 7, n. 1, p. 64, 2002.
- MCFADDEN, Paula et al. The role of coping in the wellbeing and work-related quality of life of UK health and social care workers during COVID-19. *International journal of environmental research and public health*, v. 18, n. 2, p. 815, 2021.
- MULLER, Jaqueline Marques; SILVA, Narbal; PESCA, Andréa Duarte. Estratégias de enfrentamento no contexto laboral: uma revisão integrativa da produção científica brasileira e internacional. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 3, pág. 1594-1604, 2021.
- MUSTAFA, Murtaza et al. Causes and prevention of occupational stress. *IOSR Journal of Dental and Medical Sciences*, v. 14, n. 11, p. 98-104, 2015.
- NEWMAN, John E.; BEEHR, Terry A. Personal and organizational strategies for handling job stress: A review of research and opinion. *Personnel Psychology*, v. 32, n. 1, p. 1-43, 1979.
- NOVITASARI, Dewiana. Job stress and turnover intention: understanding the role of leadership and organizational commitment. *International Journal of Science and Management Studies*, v. 3, n. 5, p. 1-14, 2020.
- NUNNALLY, Jum C. An overview of psychological measurement. *Clinical diagnosis of mental disorders: A handbook*, p. 97-146, 1978.

- OXLAD, Melissa; MILLER-LEWIS, Lauren; WADE, Tracey D. The measurement of coping responses: Validity of the Billings and Moos Coping Checklist. *Journal of Psychosomatic Research*, v. 57, n. 5, p. 477-484, 2004.
- PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de construto. *Psicologia em estudo*, v. 10, p. 507-516, 2005.
- PASQUALI, Luiz. Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas. Artmed Editora, 2009.
- PEIRÓ, José María; SALVADOR, Alicia. Control del estrés laboral. 1993.
- PINHEIRO, Fernanda Amaral; TRÓCCOLI, Bartholomeu Tôrres; TAMAYO, Mauricio Robayo. Mensuração de coping no ambiente ocupacional. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 19, p. 153-158, 2003.
- PINHEIRO, Fernanda Amaral; TRÓCCOLI, Bartholomeu Tôrres; TAMAYO, Mauricio Robayo. Mensuração de coping no ambiente ocupacional. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 19, p. 153-158, 2003.
- POTTER, Caroline M. et al. The context of coping: a qualitative exploration of underlying inequalities that influence health services support for people living with long-term conditions. *Sociology of health & illness*, v. 40, n. 1, p. 130-145, 2018.
- PRADO, Cláudia Eliza Papa do. Estresse ocupacional: causas e consequências. *Rev. médico. trab*, pág. 285-289, 2016.
- QUEIRÓS, Cristina et al. Burnout and stress measurement in police officers: Literature review and a study with the operational police stress questionnaire. *Frontiers in psychology*, v. 11, p. 524470, 2020.
- RIBEIRO, José Luís Pais; MORAIS, Rita. Adaptação portuguesa da escala breve de coping resiliente. 2010.
- RICE, Valerie; LIU, Baoxia. Personal resilience and coping with implications for work. Part I: a review. *Work*, v. 54, n. 2, p. 325-333, 2016.
- RODRÍGUEZ MOLINA, Isabel et al. Individual, co-active and collective coping and organizational stress: A longitudinal study. 2019.
- SANCHEZ, Genesis; CRAGIN, Casey. Coping in parenting adolescents with autism spectrum disorder. *The Brown University Child and Adolescent Behavior Letter*, v. 39, n. 4, p. 1-4, 2023.
- SAVÓIA, Mariangela Gentil; SANTANA, Paulo Reinhardt; MEJIAS, Nilce Pinheiro. Adaptação do inventário de Estratégias de Coping¹ de Folkman e Lazarus para o português. *Psicologia usp*, v. 7, n. 1-2, p. 183-201, 1996.
- SCHWAB, Klaus. A quarta revolução industrial. Edipro, 2019.
- SCHWARZ, Norbert. Self-reports: How the questions shape the answers. *American psychologist*, v. 54, n. 2, p. 93, 1999.
- SEIDL, Eliane Maria Fleury; TRÓCCOLI, Bartholomeu T.; ZANNON, Célia Maria Lana da Costa. Análise fatorial de uma medida de estratégias de enfrentamento. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 17, p. 225-234, 2001.

SERVINO, Sandro; NEIVA, Elaine Rabelo; CAMPOS, Rodrigo Pires de. Estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento entre profissionais de tecnologia da informação. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 6, n. 2, p. 238-254, 2013.

SHIN, Hyojung et al. Relationships between coping strategies and burnout symptoms: A meta-analytic approach. *Professional Psychology: Research and Practice*, v. 45, n. 1, p. 44, 2014.

SIMONELLI, Laís. Estresse ocupacional e alternativas de intervenção: um estudo bibliométrico. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 9, n. 3, pág. e67932401-e67932401, 2020.

SKINNER, Ellen A.; WELLBORN, James G. Coping during childhood and adolescence: A motivational perspective. In: *Life-span development and behavior*. Routledge, 2019. p. 91-134.

SMOLLAN, Roy K. Causas de estresse antes, durante e depois da mudança organizacional: um estudo qualitativo. *Revista de Gestão de Mudanças Organizacionais*, v. 2, pág. 301-314, 2015.

SUN, Rusi; WANG, Weijie. Transformational leadership, employee turnover intention, and actual voluntary turnover in public organizations. *Public Management Review*, v. 19, n. 8, p. 1124-1141, 2017.

SRIVASTAVA, Sanchita; UPADHAYA, Puja; JAIN, Renuka. Listen to the heart or mind first? Examining sequential coping mechanisms among Indians during the COVID-19 pandemic. *Frontiers in psychology*, v. 14, p. 1104973, 2023.

STOUTEN, Jeroen; ROUSSEAU, Denise M.; DE CREMER, David. Successful organizational change: Integrating management practice and academic literature. *Annals of the Administration Academy*, v. 2, p. 752-788, 2018.

STREINER, David L. Starting at the beginning: an introduction to coefficient alpha and internal consistency. *Journal of personality assessment*, v. 80, n. 1, p. 99-103, 2003.

TIMMERMAN, Marieke E.; LORENZO-SEVA, Urbano. Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. *Psychological methods*, v. 16, n. 2, p. 209, 2011.

ULLMAN, Jodie B.; BENTLER, Peter M. Structural equation modeling. *Handbook of Psychology*, Second Edition, v. 2, 2012.

VALENTINI, Felipe; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. Variância média extraída e confiabilidade composta: indicadores de precisão. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 32, p. e322225, 2016.

ZELLARS, Kelly L.; PERREWÉ, Pamela L. Affective personality and the content of emotional social support: coping in organizations. *Journal of Applied Psychology*, v. 86, n. 3, p. 459, 2001.

Zhang, M., Wang, W., Millar, R., Lil, G., & Yan, F. (2017). Coping and compromise: a qualitative study of how primary health care providers respond to health reform in China. *Human Resources for Health*, 15(50).

7. APÊNDICES

Apêndice A – Composição da escala em sua língua original e adaptada

<p style="text-align: center;"><i>Measuring Coping Responses</i> <i>Validity of the " Modified Coping Checklist" by Melissa Oxlad, Lauren Miller-Lewis, Tracey D. Wade</i></p>		
Nº	Item	Tradução
1	Tried to see positive side	Tentei ver o lado positivo.
2	Tried to step back/be more objective	Procurei agir com calma e ser mais objetivo.
3	Took things one step at a time	Dei um passo de cada vez
4	Took some positive action	Tomei atitudes positivas
5	Talked with spouse or other relative	Conversei com o companheiro (a) ou outro familiar.
6	Talked with a friend	Conversei com um amigo
7	Kept my feelings to myself	Guardei meus sentimentos para mim mesmo
8	Prepared for the worst	Me preparei para o pior
9	Sometimes took it out on other people	Algumas vezes descontei em outras pessoas.
10	Tried to reduce tension by eating more	Tentei reduzir a tensão comendo mais.
11	Tried to find out more about the situation	Tentei me informar mais sobre a situação.
12	Talked with professional person	Conversei com um profissional